This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

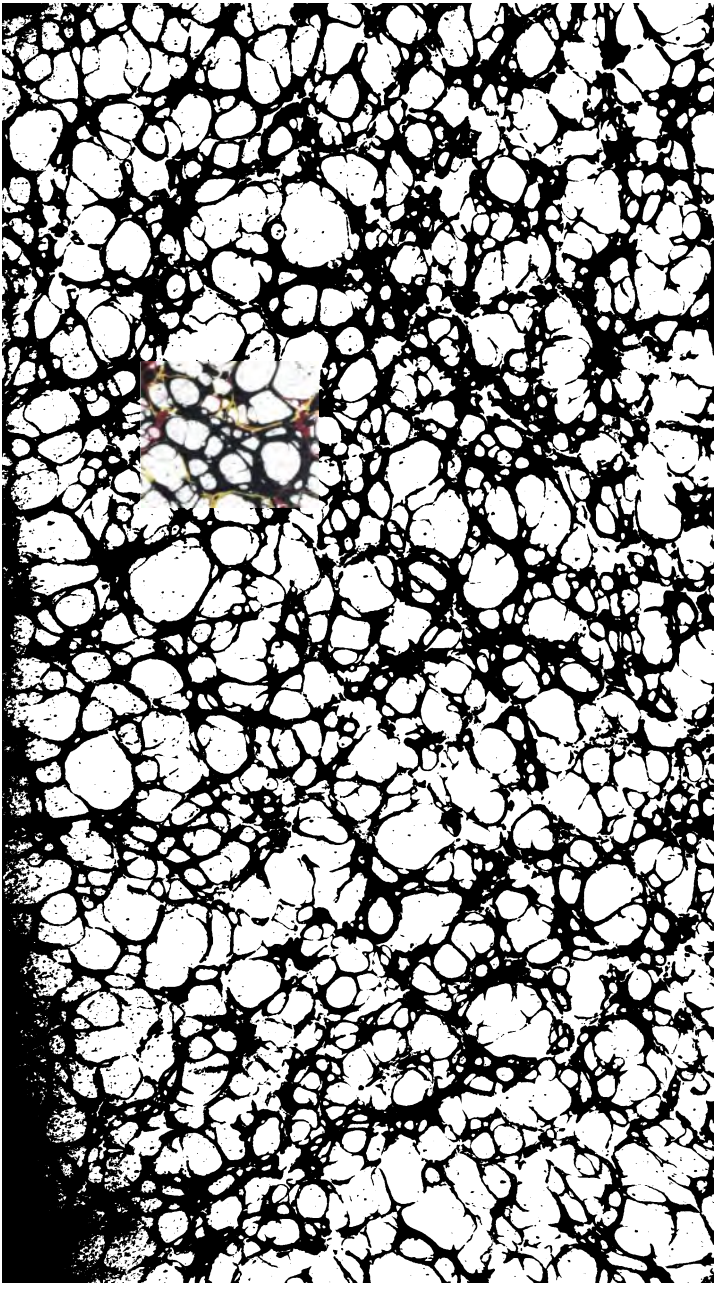
- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

296 d 16

H. 133.



Ao Illmo. Sr. Costa Mota

O Autor

ROMANCES

HISTORICOS

S. M. I. O SENHOR D. PEDRO II.

ROMANCES

HISTORICOS

POR UM BRASILEIRO

NOVA EDIÇÃO CORRECTA, AUGMENTADA E SEGUIDA DE ALGUMAS POESIAS SOLTAS

BRUXELLAS
TYPOGRAPHIA DE A. LACROIX, VERBOECKHOVEN E Cia,
RUA REAL, 3

1866
Direitos de reproducção reservados.

LIBRARY OF THE TAYLOR INSTITUTION
UNIVERSITY
2 - JUL. 1936
OF OXFORD

A SUA MAGESTADE IMPERIAL

O SENHOR DOM PEDRO SEGUNDO

SENHOR

A tantas provas de benevolencia com que Vossa Magestade Imperial Se Tem Dignado Honrar-me durante a minha carreira publica, Quiz Vossa Magestade Imperial Juntar mais uma, Permittindo que este meu livrinho seja apresentado ao publico do Brasil sob os auspicios do Excelso Monarcha Que á gloria de tam efficazmente Assegurar a felicidade de Seus póvos por Sua sabia politica, Reune a de Ser o Protector das letras brasileiras.

Indigno como reputo o meu trabalho de tamanha honra, ouso para atenuar os seus defeitos, allegar

perante Vossa Magestade Imperial as intenções patrioticas com que o emprehendi, e que sem duvida encontrarão echo no Coração do Patriotico Soberano do Brasil.

Si mercê a essas intenções Vossa Magestade Imperial Julgar que o meu ensayo póde ser de alguma utilidade ao nosso paiz, ficará cheia a medida da minha ambição.

Beija com o maior respeito a Augusta Mão de Vossa Magestade Imperial o

De Vossa Magestade Imperial
subdito fiel e reverente, e
criado agradecido

MIGUEL MARIA LISBÔA.

Bruxellas, Dezembro de 1865.

ADVERTENCIA

O meu objecto em escrever este pequeno ensayo é principalmente ver si consigo inspirar aos meus patricios gosto por uma especie da poesia tam adaptada á nossa lingua, como o romance narrativo, e por um metro (fallo do assoante) para mim tam exquisitamente harmonioso.

Não é meu animo aprofundar aqui a questão que se agita entre os defensores da rima e os do assoante. Esta questão está sendo praticamente sustentada por dous esclarecidos engenhos contemporaneos — Angel Saavedra e Mora. Nem uma tal polemica deve ser inteiramente estranha aos nossos literatos, pois já criticos portugueses teem allegado a favor do verso solto argumentos que são applicaveis á defesa do assoante.

Como porêm nem-um crîtico até o presente

(quanto ha chegado ao meu conhecimento) a tenha encarado por um lado que forma um dos caracteres do assoante, direi duas palavras sobre elle.

Os campeões da rima e sobre tudo Mora (de cuja fluencia e facecia eu sou alias um dos maiores admiradores) parecem dar um valor exagerado ao merito de vencer difficuldades — aos *tours de force*. Pois contra essa defesa da rima eu apresentarei uma opinião que talvez parecerá um paradoxo, mas que eu rogo ao leitor não rejeite sem a analysar e ouvir-me: — *É mais difficil agradar com o verso assoante do que com a rima consoante.*

A razão é convincente uma vez explicada. No verso consoante, alem de outras fontes de belleza, existe a harmonia da rima, que sendo muito pronunciada — sendo uma parte importante do esforço poetico — tem faculdade de deleitar por si só. Ao assoante falta este elemento de deleite; e é préciso que o poeta dependa exclusivamente de seus conceitos, dicção, estilo e outras qualidades que seguramente formam as principaes qualificações do verdadeiro discipulo de Apollo. É certo que com materiaes mais abundantes *mais facilmente* se embelleza o edificio.

Mas eu vou mais longe. O merito do consoante neste particular — em tornar *mais facil* o agrado na poesia — produz um effeito negativo. A pronunciada cadencia da rima é por assim dizer *fascinadora*, e faz com que muitos versos pareçam á primeira vista optimos, que, intrinsicamente e sem aquella *fascinação*, seriam positivamente maos. Isto não neces-

sita de desenvolvimento : a quantos pensamentos forçados — a quantas impurezas de estilo — a quantas periphrases e contradicções, não dá passaporte a rima? Eu creio que se poderia generalisar mais o que Boileau attribuio a um genero particular de poesia consoante :

> La ballade, asservie à ses vieilles maximes,
> Souvent doit tout son lustre au caprice des rimes.

O modesto assoante não é tam poderoso, por que não é parte *tam conspicua* da versificação. É como a fresca rosa que dá realce sem offuscar ao toucado da donzella, entretanto que a rima é adereço de brilhantes, que attrahe a si mesmo, distrahindo-a da cabeça que o leva, a attenção do espectador.

Mas é mister que eu ponha o leitor em guarda, e busque precavel-o contra a primeira impressão ao ler os versos assoantes; e esta precaução é tanto mais indispensavel, quanto pouco conhecida é entre nós esta classe de versificação. A belleza do assoante não é de primeira intuição : é preciso acostumar o ouvido a elle para que se perceba. Por isso é que divinas composições deste genero em castelhano são desprezadas, como pouco musicaes, pelos estrangeiros.

Acostume-se porêm o ouvido á exquisita musica da quasi imperceptivel monotonia, que produz a repetição, durante um romance inteiro, das mesmas vogaes nas ultimas syllabas de cada verso par; e então se poderá fazer justiça ao verso assoante.

Bem sei que se me dirá que ainda mais difficil é escrever versos em tudo bons — em conceito, em dicção, em fluencia — com a rima. Eu perguntarei porêm onde está o poeta que o fez em obra que não fosse curta? Fel-o por ventura o immortal Camões? Não teria *o nosso bom Homero* dormitado ainda menos, sinão caminhasse debaixo do pesado jugo da rima?

Por minha parte não hesito em preferir o solido ao fascinante — as magnificas cópas por que bebiam nossos avós, ornadas de lavor em gravura, ao floreado ouropel de Sheffield; os tocantes accentos do Don Giovanni ou da Somnambula ás brilhantes volatas de Auber. Isto não é dizer que não admire as baixellas de Sheffield e a *Muette :* minha proposição é puramente comparativa.

O assoante, genero que se póde considerar como um termo medio entre o verso solto e a rima, consiste, como fica dito, na repetição, durante um prolongado numero de versos, das mesmas vogaes nas duas ultimas syllabas dos versos pares de uma poesia; e os Hespanhóes teem applicado este genero de versificação tanto ao exametro heroico como à curta e ligeira redondilha. Ao leitor pouco versado na poesia castelhana darão delle idea os seguintes versos do *Moro Esposito* de Angel Saavedra :

« ¿ Cómo? » pregunta el viejo : « has dado muerte
« ¿ A Giafar? » — « A Giafar, » responde ahog*a*do
El misero garzon; y Zaide exclama :
« ¿ Quién penetra tus miras, cielo s*a*nto? »

« Oh poderoso Alá.... ciertas, terribles
Son tus venganzas : sí, la eterna m*ano*
Que las estrellas rige, inexorable
Pesa sobre la frente del malv*ado*. »
« ¡ O jóven ! de las iras del Eterno
Es ya ministro tu inocente br*azo*.
Alzate, torna en ti ; noble principio
A tus venganzas sin saberlo has d*ado*. »
« Alzate, torna en ti : llegó el momento
De la revelacion ; llena los *altos*
Destinos á que el cielo te encamina ;
Cúmplanse sus decretos sober*anos*. »
Tales palabras del turbado jóven
El corazon confuso reanim*aron* ;
Lumbre de gloria relució en sus ojos,
Cesó de pronto su abatido esp*anto* :
Sintió su sangre hervir, miró el anillo,
El misterioso anillo que la m*ano*.
Adornó de Zahira ; estremecióse,
Y la diestra estrechó del viejo s*abio*.

O popular autor destes versos divide as suas narrativas em *Romances*, e mantem a completa uniformidate da assonancia em toda a extensão de cada Romance. Ainda que essa é tambem a regra geral do meu ensayo, com tudo algumas vezes desviei-me della, tomando a liberdade de variar no mesmo Romance a *ultima vogal breve* dos versos pares ; tendo porêm cuidado, 1° de conservar invariavel a vogal da *penultima* syllaba, isto é, da syllaba *cadente*, dos ditos versos pares, e 2° de que tal excepção da regra geral se estendesse a pelo menos dous pares de versos. Essa liberdade que tomei, facilita muito a

metrificação, conservando bastante da distante monotonia que faz a encanto do assoante. Nem é ella nova; pois Mora na advertencia que encabeça as suas preciosas *Leyendas Españolas*, cita alguns versos de um antigo Romance do rei Affonso o Sabio, para mostrar que em sua origem o Romance não estava sujeito à unidade do assoante *em todo o curso da mesma composição*.

Quando os versos pares terminam em syllaba longa, as regras do assoante apenas exigem que se repita a ultima vogal delles, como nesta composição de Zorrilla :

Naciste, Adán, en el polvo
Y en el polvo morir*á*s,
Tu, y tus hijos, y tu raza,
Y cuantos hombres ser*á*n.
Sudareis sobre la tierra
Los hijos por sustent*a*r,
Mientras los hijos rebeldes
Con sus padres lidiar*á*n.
La tierra brotará espinas,
El tiempo ahogará la p*a*z,
Y sin numero los hombres
A su Dios olvidar*á*n.
Entonces hambres y pestes
Y de miserias un m*a*r
Acosará el mundo impío
Sin descanso ni sol*a*z.
Y habrá ejercitos y buques
Que agua y tierra infestar*á*n,
Y habrá esclavos y habrá reyes
Y pueblos y socied*a*d.

Y habrá amor y habrá amistades
Que em vez de consuelos d*ar*,
Os darán con dulces nombres
Amargas horas de af*an*.
Y habrá el corazon pasiones
A cuyo impulso fat*al*
Hermano robará á hermano
Cuanto bien pudo alcanz*ar*.

Ainda é conhecida entre os Castelhanos outra especie de assoante que consiste em conservar a relação, não nas ultimas vogaes, mas na ultima consoante dos versos pares, fazendo corresponder *flujo* com *bajo*, *hijo*, *rojo*, etc.; mas hoje está fóra de uso.

Tambem me parece necessario dizer alguma cousa sobre o que eu pensava não ter sido considerado como regra em nossa poesia, mas que, assegurou-me um literato nosso, já foi praticado por classicos portugueses. Alguns poetas na lingua portuguesa teem seguido, a respeito da divisão das syllabas, uma regra que me parece não só prejudicial como incorrecta. É cousa universalmente sabida que a reunião pela synallepha da ultima letra de uma palavra, sendo vogal, com a primeira da seguinte, sendo-o tambem, funde duas syllabas em uma. Os latinos iam mais longe com a sua *ectelipse*, annullando completamente o som do liquido *m*. A synallepha faz-se até com tres syllabas, comprehendendo tres palavras, como no verso de Camões,

A f*é e o* imperi*o e a*s terras viciosas.

O motivo disto é evitar o *hiato* que affrouxa a

dicção. Ora si entre a vogal de uma palavra e a da seguinte — si entre tres vogaes pertencentes a tres differentes palavras — se permitte essa refundição, não é de razão que o mesmo se pratique com duas vogaes que formam distinctas syllabas no interior da mesma palavra? Parece-me que sim; e fundado neste raciocinio, adoptei nos meus romances, como regra geral, a synallepha no meio das palavras do mesmo modo que nas extremidades. Fiz de *veado*, *joêlhos*, *triumpho*, dissyllabos; de *leão*, *real*, *paîs*, monosyllabos, etc. Os Latinos praticavam uma contracção semelhante pela figura a que chamavam *synacresis*.

Pessôa a quem muito respeito pelo seu bom criterio, notou que a regra por mim seguida produzia ás vezes versos duros, dos quaes apontou alguns nos meus proprios romances. Concedendo a justiça da observação, tenho a allegar que essa dureza casual, 1º me parece preferivel á frouxidão constante da pratica contraria, 2º ao poeta, antes do que á regra, póde ser com justiça attribuida.

Mas é tempo de deixar que o leitor decida por si. Ainda assim não lhe darei essa liberdade sem pedir-lhe que não julgue, em ultima instancia, do genero de poesia em cujo favor procuro interessal-o, por este meu debil esforço.

Valle de Renca em Chile, janeiro de 1842.

M. M. L.

ADVERTENCIA DA SEGUNDA EDIÇÃO

Ha mais de vinte annos que este modesto volume vio a luz pela primeira vez; e pouco depois da sua publicação um dos mais esclarecidos engenhos do nosso seculo, um dos mais admirados poetas da moderna Iberia, Angel Saavedra, duque de Rivas e autor do *Moro Esposito*, manifestou em carta dirigida a um amigo commum — carta para mim preciosa e que conservo em meu poder — um conceito sobre elle, que devêra animar-me a fazer novas tentativas na escabrosa carreira das musas. Mas sem ter a pretenção de ser completamente insensivel aos estimulos da ambição literaria; sem desdenhar o titulo, tam difficil de adquerir-se, de poeta; posso dizer sem affectação que o que me impellio em 1842 a arrostrar a inexoravel presença do publico, foi principalmente o desejo patriotico de apontar para um novo caminho que engenhos mais habeis podessem,

com proveito para a nossa nascente literatura, percorrer.

Pensava eu que não havia sido escutado; pensava que era uma fortuna, á vista da extrema frieza com que o meu livro havia sido acolhido na minha terra, que se houvesse tirado delle apenas 200 exemplares; e suppunha-o condemnado a um *immortal* esquecimento.

Em 1860 porêm recebi do Rio de Janeiro uma insinuação que me lisongeou tanto quanto me sorprehendeo; e em 1862, ao annunciar-se me que o meu livrinho havia recebido uma mensão honrosa no Diccionario Bio-bibliographico do senhor Innocencio da Silva, instaram comigo pessôas a cuja indulgente benevolencia não podia deixar de ser grato, para que preparasse delle uma nova edição, por estar esgotada a primeira.

Esta é, amado leitor, a apologia que candidamente desejo dar-vos, por commetter a injustificavel ousadia de apresentar-me por segunda vez perante um publico — respeitavel sem duvida — mas que por certo não animou meus primeiros esforços.

Com esta expressão não quero accusar o publico brasileiro. Quem sabe mesmo si essa frieza não foi causa de minhas hesitações, em 1865, a preparar esta segunda edição? Quem sabe si não me moveo ella a limar meu antigo trabalho e a procurar, por meio de algumas addições, dar-lhe variedade? Talvez chegueis a essa conclusão, si tiverdes a paciencia de ler o dito livrinho até o fim.

Recordai-vos porêm de que em 1865, como

em 1842, não é meu animo, não é minha esperança, marchar triumphante pela brilhante arena da gloria, e só sim simplesmente indicar uma vereda, até agora não trilhada pôr meus compatriotas, pela qual possam elles, com mais elevados dotes de imaginação do que possúo, fazer um verdadeiro serviço á literatura da nossa cara patria.

Bruxellas, Dezembro de 1865.

M. M. LISBÔA.

EGAS MONIZ

EGAS MONIZ

ROMANCE PRIMEIRO

AFFONSO DE CASTELLA

Do Ave gentil e aprazivel
Sobre as margens pittorescas
De Guimarães ás muralhas
Verde-gaias vinhas cercam;
E em torno da antiga e insigne
Villa em que o berço tivera
Um rei glorioso, quaes garças
Em torno a lagôa amena,
Alvejam tendas sem conto
Abrigo da hoste guerreira
Que a encontro de Affonso Henriques
Conduz el rei de Castella.

Entre ellas qual entre bando
De agrestes corsas ligeiras
Costuma um galhudo veado
Alçar a cerviz soberba,
Tal branca de neve e altiva
Estende-se a regia tenda,
Mais prolongada que as outras,
Que as outras todas mais bella.
Em cada esquina tremùla
Purpurea-jalde bandeira
Em que castellos e leões,
Divisas del rei, ondêam.
No centro o regio estandarte
Em magestade se eleva;
É de damasco enfranjado,
Brocado de ouro e de seda.
Rico tapiz de Granada
Que a maura industria revela,
Matizado de mil côres,
Cobre brando a dura terra.

—

Em cadeira de adussia
De ouro e verde terciopello
Está el rei tam carrancudo
Que só de vel-o dá medo

—

Encobre-lhe o tronco e braços
Saio de malha; e atravessa
Esse saio em tiracollo
Pesada de ouro cadêa;

E uma espada de aço fino
De Toledo á cinta leva,
Com a bainha e punho de ouro,
Dessa cadêa suspensa.
Purpurea capa lhe esconde
Metade da ilharga esquerda,
Em quanto co' a dextra impunha
Um bastão de ouro e de pedras.
Calção de malha, e coturno
Que lhe sóbe a meia perna,
E ornam escamas de prata,
Seu rico traje completam.
Uma gorra de alvas plumas
Vê-se perto n'uma mesa;
E guantes d'aço, elmo e adarga
Se avistam ao lado della.
Sobre a frente repartida
A profusa cabelleira
Em anneis côr de azeviche
Por hombro e costas lhe ondêa.
Curto bigode lhe abriga
Curvo labio onde se enxerga
Em meio de ira um surriso
Que desdem altivo expressa.
De Valdevez a vergonha (1)
Em furia seu peito altera;
De orgulho o medir co' um conde
A regia espada desdenha;
Mas vencendo aquelle orgulho,
Vem do Ave ás ferteis ribeiras
Fazer a guerra, movido
Pelos rogos de Theresa,
—De Theresa a quem vingança
Tam completamente cega,

Que guerreando o proprio filho
Calca as leis da natureza.

—

Co'a mão sobre a negra barba,
Contrahida a sobrancelha,
Os olhos ferindo fogo,
Perplexo, el rei não acerta
Com que objecto um luso nobre,
De alto nome e estirpe regia,
De Guimarães lhe mandára
Supplicar privada audiencia.
A final rija pancada
Dando co' o punho na mesa,
Da meditação que o occupa
De repente se desperta;
E grita com voz irada
Que o trovão bem arremeda:
" Espera el rei ou o vassallo?
" Porque Egas Moniz não entra? "
" Egas Moniz " logo acóde
Um seu donzel " fóra espera
" Que vossa mercê lhe mande
" Entrar á Augusta Presença. "
El Rei a gorra de plumas
Põe então sobre a cabeça
Dá signal; corre a cortina;
E o luso ancião se apresenta.

—

Do valente Affonso Henriques
Um fiel servidor era Egas,

Mas era tambem prezado
Pelo alto rei de Castella;
  E vendo o grande perigo
Que a seu joven conde cerca,
Quiz tentar quanto podia
Junto d'el rei sua influencia.
  Parte pois de Guimarães
Sem que o conde tal conheça;
Nem permissão sollicita
Pois má resposta recêa;
  E el rei, logo que lhe dizem
Que Moniz implora audiencia,
Manda que no campo o admittam,
Que é muito quanto o venera;
  E na tenda recolhido
Por esta entrevista espera
Com impaciencia, pensando
— Talvez por que assim deseja —
  Que seu primo, o altivo conde,
Ao risco imminente ceda,
E offrecer mande homenage
E de Guimarães a entrega.

—

  Egas Moniz era ancião
De estatura erguida e esbelta,
De nariz delgado e curvo,
Olhos grandes, frente erecta,
  Bôca na quel vê-se escrita
Decisão, benevolencia,
Calva luzida, alva barba,
Espaçosa e arqueada testa.
  Vindo de paz em message,

Traja de paz vestes negras;
Com quanto seu braço invicto
O uso das armas conheça.

—

Logo que el rei dá signal,
E o reposteiro da tenda
Corre a um lado e o Castelhano
Brasão esconde entre pregas,
Por um escudeiro guiado
O nobre Dom Egas entra,
E ante a regia magestade
Um dos joelhos dobra em terra.
Nesta postura submissa
Que Affonso comece espera;
Nem outra cousa pratica
Quem respeito aos reis professa.

—

El rei que em Moniz só via
Mensageiro de obediencia,
O gesto severo afrouxa,
E em voz benigna se expressa:
" Egas Moniz " (diz-lhe affavel)
" Não é esta a vez primeira
" Que á minha crôa dais gosto,
" E que mereceis bem della.
" Tempo é que esse joven louco
" Quanto é louco reconheça,
" E o perdão regio implorando,
" Confie em minha clemencia.
" Foi bom, Moniz, que incumbisse

« A vosso zêlo essa empresa :
« Quanto vos honro calcula;
« Sabe que amo-vos de veras. »
Nisto a cabeça inclinando,
Da gorra as plumas menêa,
E a Moniz que se erga indica
Dando-lhe a beijar a dextra.
Mas elle no chão fincado,
Sem obedecer á senha,
Juntando ambas mãos exclama
Submisso, mas com firmeza :
« Rei do meu senhor vós sois (2);
« E si pensais que o mereço,
« Tirai-me, alto rei, a vida,
« Por meu senhor ledo a entrego ;
« Mas antes prestai-me ouvido,
« E cedei, monarcha excelso,
« Ao rogo de quem vos roga
« Em prol de um parente regio.
« Não tenho encargo ou mensagem,
« Nem, senhor, render-vos venho
« A homenage que exigís
« Do conde de quem sou servo;
« Mas neste cerco tam duro
« Que o reduz a tanto extremo,
« Eu vejo sua desgraça
« E vossa magoa só vejo.
« Ao conde, senhor, por força
« Não espereis ver sujeito;
« Si conquistardes seu corpo,
« Será corpo sem alento. »

—

Qual verde gaia colina
Que a luz do sol aviventa,
Sombria perde seu brilho
Si se interpõe nuvem negra,
Tal o semblante de Affonso,
Ao ouvir o accento de Egas,
Turba-se, a testa se enruga
E contrahe-se a espessa côlha.
Assim prévio a um terremoto
Vapôres densos negrejam,
Antes que arrebente a lava,
Do Vesuvio na cratera.

—

Mas Moniz (que ao peito forte
A recta intenção dá alento)
Nos do rei seus olhos crava,
E assim prosegue sereno :
" Respeitai pois seu melindre,
" Si quereis ganhar-lhe o affecto;
" Si indomavel é seu braço,
" Ingrato não é seu peito.
" Levantai o duro sitio;
" Morte, fome e desespero
" Afastai de Guimarães;
" E eu minha palavra empenho
" Que a Dom Affonso contrito
" A vossos pés vereis cedo,
" Si sem quebra da honra virgem
" Consentis que renda preito. "

—

Qual sóe pelos altos montes
Nas tardes da primavera
Gran tormenta congregar-se,
Mares obumbrando e terras;
Ficando como sem fôlego
E assustada a natureza,
E os animaes espantados
E as selvas mudas e quedas;
Si rijo nordeste afronta
Ao rebôjo que a fomenta (3),
Ella volta atrás, desfaz-se
P'ra donde surgio, regressa;
Mas a trechos negras nuvens,
Em dissolver-se mais lentas,
Inda attestam da borrasca
Furor que já não aterra;
Não de outra arte a regia cólera
Que de explosão stava cerca,
Pela esperança applacada
De que o conde se lhe renda,
Serenou; mas não de todo,
Pois tem a vista inda incerta,
E o labio morde indicando,
Não ser a esp'rança completa.
« Dom Egas, sois atrevido! »
(Lhe diz meneando a cabeça)
« Vive Deus! por muito menos
« Do algoz a face ha quem veja! »
« Permitti, senhor, que eu busque
« Cumprir a minha promessa,
« Si a não cumpro, dê-me a morte
« Vossa mercê: » responde Egas.
Assim diz; ergue-se Affonso;

„ Segui-me, „ ajunta em voz séria;
E a conferencia mais intima
Após de si Moniz leva.

ROMANCE SEGUNDO

AFFONSO DE PORTUGAL

Já Guimarães está livre;
Já depois de tenebrosa
Noite de fôme, brilhante
Raia da abundancia a aurora;
Já seguindo a Affonso Augusto
As phalanges hespanholas
Co 'o regio estandarte alçado
O luso solo abandonam.
E estendidas pelo valle,
Quaes formigas migratorias,
Pé trás pé tranquillas seguem
Do Ave as retorcidas voltas.
As ameias carregadas
Estão de gente curiosa
Que formiga duvidando
Si é certo o que avista em roda;

Pois parece-lhe impossivel
Que el rei seus soldados mova
E o cerco levante, quando
Tem já segura a victoria.

—

Em toda a parte a alegria
Sobre macilentos rostos
Mais parece de caveiras
Que de humanos sêres gôzo.

—

Pelas ruas a abraçar-se
Correm todos; nem encontram
Palavras apropriadas
Com que o gôzo expressar possam;
E só quando o Castelhano
Distantes serras remonta,
Pouco a pouco a estupefacta
Gente algum tino recobra.
Então seus males e apuros
Uns aos outros ledos contam:
Que desgraças já passadas
O contar aos mais consola.
Um do ginete estimado
Que não dera em trinta doblas,
Quando a dura fome o aperta,
Carnes e couro devora;
Outros já no ultimo extremo
Immundices asquerosas
Tragam como tragariam
Os manjares de uma bôda.

Ao ver os rebanhos que entram
Pelas indefensas portas,
De gula os olhos scintillam,
O coração bate e goza.
Alguns da arte culinaria
Co'os alinhos não se importam,
E vegetaes e legumes
Sem adubo e crús devoram;
E alguns que á fome escaparam
(Chronica antiga recorda)
Com sua imprudente gula
Na fartura a morte encontram.
Alleluiah! em toda a parte
Repetem torres sonoras
De mosteiros e de hospicios,
De capellas a parochias;
E da matriz nobre e altiva,
Móle antiga visigoda,
Stá o carrilhão repicando
Alleluiha! por dez bôcas.
Ricos tapizes de Flandres
Sua vasta nave adornam,
E sobre altares de prata
Derramam clarão cem tochas.

—

Do amplo templo cobre o espaço
Devoto e impaciente pôvo
Que em reverencia contempla
O arcebispo milagroso (4);
E em duplices paramentos
O clero e cabido envoltos
O *Te Deum laudamus* canta
Acompanhados do côro.

Junto ao grande altar, em rico
Sitial de velludo rôxo
Stava o conde Affonso Henriques
Ajoelhado e mui devoto.
Justilho de setim branco
Com largo bordado de ouro,
Por azul faxa sujeito,
Segue-lhe ao corpo o contorno.
É de azul velludo a capa;
De branca seda seu forro;
Um borzeguim branco calça,
De aurea franja orlado todo.
A ruiva barba e o cabello
Que em anneis lhe cobre os hombros,
O olho azul contemplativo
Provam seu normano tronco.

—

Perto o alferes mór levanta
O pendão que ufano mostra
Escudo de campo argento
Cruzado por banda lóia (5).
Donzeis, pages, escudeiros,
Ajoelhados, silenciosos,
A alegria não disfarçam.
Apezar de em resa absortos.
Um sómente entre elles vê-se
Com mestos, parados olhos,
Nem, qual nos mais, brilha a gala
Em seu vestido luctuoso.

—

É Moniz que ao conde amado
Por servir (modêlo d'honra!)
A salvação da cidade
Com a propria vida compra;
E em quanto em doce alegria
O peito alheio alvoroça,
O peso do proprio peito
Com grande custo supporta :
Pois a Affonso promettera
Que si o conde, sem demora,
Não fosse a seus pés prostrar-se
A espada depondo e a crôa,
Elle a confiada cabeça,
E a dos filhos e a da espôsa,
Deporia ás regias plantas
Da palavra dada em troca.
Mas não é da morte o medo
Quem seu peito assim devora,
Não teme a morte quem tantas
Vezes em lide a provoca;
Mas crê que abusara arteiro
Da fiducia generosa
De Affonso; e p'ra tal falsia
Crê que a morte é pena pouca :
A desvelada consciencia,
Austera e veraz, recorda
Que promettera, sabendo
Que promettia em má hora.

—

Mas já do sagrado rito
O final cantico sôa,
E o pôvo rude e impaciente
Ferve em tropel pelas portas.

Qual por entre estreitas penhas
Sóe torrente caudalosa
Com furor irresistivel
Precipitar turvas ondas;
Logo que a angustura salva,
Já perdida a furia e a força,
Espraia-se, em manso lago
Tornando a vargem viçosa;
Depois por sendos ribeiros
Que em varios rumos se arrojam
E o vivo azougue arremedam,
Com suave correr se esgota;
E por fim já só reduz-se
A uma mesquinha lagôa
Que a gretada terra imbebe
Ou nos ares se evapora;
Desta arte o pôvo rompendo
Pela matriz magestosa,
Primeiro a gran praça inunda
E um mar de cabeças forma;
Depois pelas quatro ruas
Que na praça desembocam,
Sahe, e nos bêcos se entranha;
E ao silencio tudo volta.

—

Em longa e sombria sala
De antigo palacio gôdo,
Cujas paredes brunidas
São de pardo roble idoso (6),
De roble em banco sentado
Stá com carrancudo rôsto
O luso joven que o Ceo
Destina a fundar um throno.

De roble se apoia em mesa
Simples, núa e sem adôrno,
Stà Moniz em frente delle.
Quedo, erguido e respeitoso.
Em meditação profunda
Parecem ambos absortos;
Mas Egas firme e tranquillo,
E o conde agitado e torvo;
Pois apenas acabava
De explicar Moniz a Affonso
Da salvação da cidade
O inigma tam misterioso.

—

" Vêde pois a que dilemma
" Me expõe a imprudencia vossa? "
Diz Affonso descontente
Em um tom que offensa exprobra
" Si não vou render-me humilde
" A esse rei de alma orgulhosa,
" A que em Valdevez meu braço
" Já soube abater a prôa,
" Quem crerá a Affonso Henriques?
" Que cabeça hav'rá tam louca
" Que outra vez credito e fiuza
" Em minha palavra ponha?
" Si vou, pensais que jámais
" Minha espada vencedora,
" Respondendo á voz celeste (7),
" Brandir contra o mouro possa?
" Si eu cahisse em tal loucura,
" A autoridade deposta,
" Ver-me-hieis findar os dias
" N'alguma torre sem gloria.

" Eu, Senhor, traidor seria,
" Si á culpa que é minha toda
" Sacrificar-vos quizesse. "
(Tal é de Egas a resposta).
" Segui livre vossa estrella;
" Siga eu minha sorte embora;
" Eu sómente sou culpado;
" Deixai que eu sómente sôffra;
" E permitti que beijando
" Esta mão tam generosa
" (É quanto vos peço) parta
" P'ra Toledo sem demora. "
" Ide pois " replica o Principe;
" Segui vossa sorte embora;
" Vós sómente sois culpado;
" Quem é culpado que sôffra;
" E ponde vossa confiança
" Na divina miser'cordìa,
" E a Virgem Santa vos salve,
" Que ella é bôa Protectora. "
Então Moniz um dos joêlhos
Em silencio em terra dobra;
E a mão do conde beijando
Busca do palacio as portas.

—

Mas si são de Affonso os gestos
Duros, si a palavra é tôsca,
O coração remordido
Desmente o que diz a bôca;
E assim que voltou tranquillo
O sublime velho as costas,
Banhou seu rosto uma lagrima
De ternura e de vergonha.

ROMANCE TERCEIRO

FÉ PORTUGUESA

Affonso Henriques pujante
'A victoria conduzia
Suas legiões valorosas
De Ourique para as campinas,
  Onde de cinco reis mouros
Lhe esperava a gran conquista
E iam ver seus ledos ólhos
De um Deus a face propicia;
  Quando da altiva Toledo
Transpunha as portas antigas
Um velho de nobre aspecto
Com marcha firme e tranquilla.
  Do sol luziam-os raios
Em sua frente despida,
E alvejante, longa barba
Seu collo e peito cobria

Si tam sublime cabeça
O pintor Murillo vira,
Della o retrato copiara
Do santo propheta Elias.
Em contrito ademam cruza
Seus braços do peito em cima;
Seu pé sem sandalia ou socco
A escabiosa terra pisa.
Alva talar, traje proprio
De condemnados, vestia;
E atrás lhe arrastrava as pontas
Corda ao pescoço cingida.
Após vem a illustre espôsa
Que é de páes preclaros filha,
Tambem Theresa se chama,
Mas Theresa de amor digna;
E a par da consorte cara
Seus nobres filhos caminham,
— Ambos são do páe retratos,
Ambos no trajar o imitam.

—

Velhos e moços absortos
Sem saber que significa
Uma apparição tam rara,
Por bôca-ruas se apinham,
E possuidos de respeito,
Crendo haver acção divina,
Com cabeças descobertas
« *Milagre!* » baixo diziam.

—

PORTA DO SOL EM TOLEDO.

Velhos e moços absortos *E possuidos de manolo*

Em Toledo o Tejo ameno
Banha viçosa colina
Croada de alcáçar regio
Que o poder gôdo inda indica.
O rei gôdo Dom Rodrigo,
O ultimo da sua linha,
Aqui trocou vida e sceptro
Pelas graças de Florinda (8).
Continha este alcáçar regio
Uma sala extensa e antiga
Onde outr' ora os reis faustosos
Entretinham mil convivas.
Aqui foi que a rara mesa
Do rei Salomão reliquia,
De uma solida esmeralda
Ornada de gemmas ricas (9),
Aqui vinte e cinco crôas
Por antigos reis cingidas (10),
Aqui riquezas sem conto
Fôram presa do Califa.
Aqui de Castella os reis
A homenage e fé submissa
De seus grandes e fidalgos,
E vassallos, recebiam.

—

No fundo da sala immensa
Sentado em throno magnifico
Via-se o septimo Affonso
Fidalgos, grandes ouvindo.
Stá armado de ponto em branco
Todo de aço luzidio;
Mas tem por elmo um diadema
De esmeraldas guarnecido.

Formam grandes e fidalgos
De ambos lados duplas filas;
Mas aquelles vão cobertos,
Com frentes estes despidas.

—

Para este alcáçar os passos
Em silencio dirigindo,
Segue a Moniz um concurso
De innumeravel gentio;
E por entre alas de guardas,
Quaes estatuas de aço fino,
Que occupam atrios, saguães,
Patamáes e passadiços,
Entra o velho, sóbe e alcança
Da gran sala a porta ogiva (11)
E prostrado aos pés do throno
Estas palavras dizia:
" Monarcha grande e potente,
" Vêde minha fé cumprida!
" Nem peço que o duro golpe
" Vossa clemencia diffira.
" É este o peito confiado,
" Esta a mentirosa lingua;
" Que esta lingua e que este peito
" Sôffram sómente, é justiça;
" Mas si exigís inflexivel
" Da espôsa e filhos a vida.....
" Eu vos dei minha palavra,
" E aqui estou para cumpril-a. "

—

Quando o barbaro romano
Exterminar pretendia
Ao proselyto enthusiasta
Do verdadeiro Messias,
Costumava sem piedade
Lançal-o a fera faminta;
E o pôvo alegre a taes festas
(Que festas, meu Deus!) corria;
Mas quando esperavam todos
Que o fero bruto homicida,
Sedento de sangue humano,
Rasgasse as carnes em tiras,
O nobre animal, sem duvida
Por inspiração divina,
Sem damnal-o, as mãos sagradas
De Christo ao servo lambia.
Qual leão nobre, o rei magnanimo,
Quando só rigor, só ira
Seus cortezãos assustados
Esperavam, assim grita:
" A, esse velho veneravel
" E á sua illustre familia
" Que o mais nobre de meus nobres
" Dê em seu paço guarida (12);
" E que tres arautos corram
" De Vigo a Carmona a antiga (13),
" A fé lusa proclamando,
" Que é do mundo a maravilha.
" Que cannas, justas, torneios (14)
" Se celebrem por tres dias
" Em Toledo p' ra memoria
" De tamanha bizarria. "

—

E cannas, justas, torneios
Se correram por tres dias
Em Toledo p'ra memoria
De tamanha bizarria.

—

E apenas Moniz de volta
O torrão da patria trilha,
Levanta um sumptuoso templo
'A Santa Virgem Maria.
Perto da serra da Estrella
Esse templo existe hoje inda (15)
— Tropheo da lusa lealdade
E da lusa valentia.

NOTAS

(1) De Valdevez a vergonha.

No campo de Valdevez foi Affonso VII vencido por D. Affonso Henriques pouco antes do sitio de Guimarães.

(2) Rei do meu senhor vós sois.

Não ha certeza sobre a natureza da teença do condado de Portugal pelo conde D. Henrique, ou por seu filho D. Affonso. Faria e Souza inclina-se á opinião de que o dote de D. Theresa *não* foi concedido em feodo. Assim se expressa : « Portuguezes « se querem fazer soberania de duas cousas que, quando lhes « faltem, não os deslustram. Huma he que este senhorio se « concedeo a Henrique sem reconhecimento algum de vassal- « lage. Na verdade, se houvesse este reconhecimento, he im- « possivel que faltassem os papeis delle nos arquivos Leonezes « e Castelhanos, onde permanecem cousas mais antigas, e « ainda menos importantes. E se bem que o Portuguez o pou- « de encobrir nos seus, he crivel que não o fizesse, pois não o « fez com as scedulas, ou cartas de pagamento do tributo que « alguns annos pagou á Igreja romana e á de Claravel, e se « conservam nos arquivos do reino. Nem era impossivel que el « rei D. Affonso désse sem algum feodo á sua filha D. Theresa

" huma cousa tam pequena como era então o condado de Por-
" tugal, pois hontem deu Felipe II á sua D. Isabel Clara Eu-
" genia o amplissimo de Flandres sem algum. " Em outra passagem falla ainda mais positivamente, fazendo até distincção de duas épocas em que a natureza do dominio de D. Henrique era differente. É esta : " Ainda que o conde D. Henrique
" estava casado desde 1092, e governava já no Porto já em
" Coimbra, até o anno de 1098 *acudia a servir a el rey nas*
" *grandes occasiões*, como veremos em sua vida. E alfim desde
" o anno de 1099 esteve de assento em Portugal, como que
" desde o antecedente o tinha como *senhor absoluto*, por doação
" do sogro Affonso VI. "

Escriptores forasteiros não são da mesma opinião. Anquétil (V. *compendio da historia de Hespanha compilado da sua historia universal*, tomo I°, pag. 220), diz positivamente que Portugal foi dado a D. Henrique em dote *como feodo de Castella*. Lacépède (*Histoire générale*, tom. V, pag. 160), diz : " Le roi de
" Castille voulut obliger le comte de Portugal à lui rendre
" hommage. Alfonse Henriques s'y refusa, et soutint son indé-
" pendance les armes à la main. Guy, cardinal légat, parvint à
" réconcilier les deux princes. Le roi de Castille, de Léon et de
" Galice, *renonça à la suzeraineté du Portugal*. Mais le ministre
" du Pape n'oublia pas les grandes vues des pontifes de Rome;
" et substitua en quelque sorte le siége apostolique au trône de
" Galice et de Léon; et le comte du Portugal s'engagea à payer
" tous les ans, comme don pieux, un tribut de quatre onces
" d'or. " Isto só foi em 1130-31.

Com relação á época em que teve logar o casamento de D. Henrique com D. Theresa, Mariana e outros dizem simplesmente que Portugal foi dado em dote ao conde, sem explicar como. Mas este laconismo, si alguma cousa próva, é que a concessão foi de teença feodal, visto que taes concessões eram as mais communs; e quando a doação era absoluta, os historiadores não deixavam de mencional-o, como que era cousa rara. Em uma publicação inglesa de reconhecido credito lê-se o seguinte :
" To Henry, count of Bezançon, a near relative of his queen
" Constance, in 1095, he (Affonso VI) gave his daughter
" Theresa, with his lusitanean conquests, extending from
" Oporto on the Douro to the confines of the mahomedan king-
" dom of Badajoz. These conquests which had before been
" subject to the governors of Galicia, were to be held *as a*

« *fief dependent on the crown of Leon.* » Lardner, *History of Spain and Portugal*, t. II, pag. 159.

Para defender o texto porêm não é preciso impugnar a opinião do historiador portugues, nem pedir auxilio á dos forasteiros. Para justificar a expressão que eu pús na bôca de Egas Moniz, basta considerar a insignificancia de Portugal então, comparada com as altas pretenções do rei de Castella, cujo orgulho não parou áquem da arragação do titulo de Imperador.

Não era estranho portanto que Affonso VII, apezar de não ter direitos solidos sobre Portugal, quizesse que o conde D. Affonso lhe reconhecesse o titulo de rei e senhor daquelle condado. Carlos X não se chamou em quanto reinou *rei de Navarra?* A rainha de Portugal não é hoje *senhora do commercio e navegação da Persia e da India?*

Mas ainda outra razão ha para que podesse Affonso VII exigir tal tratamento, e conseguintemente lh'o concedesse Egas Moniz que não estava em posição de negar-lh'o, e até vinha positivamente offerecer-lhe a submissão do principe. O rei de Castella tinha soccorrido a Theresa com a expectativa de receber em premio o dominio directo e indirecto de Portugal.

« Doloris illa impatientiâ (diz Mariana, *de Rebus Hispaniarum*,
« tom. I, pag. 413). Alfonsum, Castellæ regem, eo nomine
« septimum, ut propinquæ, miseræ et captivæ matri opem ferat,
« per litteras obtestatur, adversus impios filii conatus. Navatæ
« operæ mercedem, *Portugaliæ principatum* pollicetur, Alfonso
« filio, pro eo ac par erat, abdicato. »

(3) Ao rebôjo que a fomenta.

Vento sudoeste no Brasil, precursor de tormentas. O phenomeno descrito no texto frequentemente tem logar na costa do Rio de Janeiro para o sul.

(4) O arcebispo milagroso.

S. Geraldo, arcebispo de Braga. Foi elle quem baptisou a Affonso Henriques. Não estou certo si vivia então, mas a sé metropolitana de Braga, da qual dependia Guimarães, conta nada menos do que sete arcebispos canonisados.

Guimarães não era naquelle tempo uma povoação importante; mas não é improprio que se supponham uma matriz de luxo na

proximidade de um dos mais antigos palacios reaes de Portugal, e mosteiros e hospicios que em todo aquelle país theocratico abundavam. A igreja de N. S. da Oliveira, depois feita Collegiada por el rei D. Deniz, foi fundada no seculo IXº por Mumadona, tia de D. Ramiro II, rei de Leão, e em antigas corographias do reino se mencionam as quatro freguezias de Guimarães (Collegiada, S. Payo, S. Sebastião e S. Miguel em que foi baptisado D. Affonso Henriques) assim como varios hospitaes, conventos e recolhimentos.

(5) Cruzado por banda lóia.

" O Conde D. Henrique (diz Faria e Souza, tomo Iº, " parte 2ª, cap. 2, § 35), sendo descendente de tam esclarecidos " reis, e podendo gloriar-se de seus brasões, não o fez; antes á " imitação da gente romana que não os trazia em quanto não " havia obrado façanhas dignas de dar honra a seus donos, " pelejou com escudo branco, até resplandecer com tantas, " que mereceram dar insignia para elle..... Seguindo pois o " conde aquelle estilo glorioso de ser cada um grande por suas " obras, executadas muitas, elegeo por armas *huma cruz* " *azul*, etc. "

(6) São de pardo roble idoso.

As salas forradas de paineis de carvalho eram muito estimadas nos tempos feodaes. Ainda hoje existem algumas, mantidas com muito cuidado, em Inglaterra. O palacio de Guimarães é um dos mais antigos de Portugal.

(7) Respondendo á voz celeste.

São bem conhecidos os milagres e prodigios do tempo de Affonso I: a separação das pernas que nasceram pegadas; a apparição de S. João Baptista em Claravel, e da cruz em Ourique, etc.

(8) Pelas graças de Florinda.

Ou a Cava: era filha do conde D. Julião que segundo tradição incerta, por vingar-se de D. Rodrigo que deshonrara a

filha vivendo com ella em mancebia, passou a Ceuta, e provocou o Mouro a invadir a Hespanha. É assumpto favorito de poetas hespanhóes, havendo-o cantado Fr. Luiz de Leon, Angel Saavedra, e por fim D. José Joaquim de Mora no seu graciosissimo *Don Opas*.

Está claro que o palacio de que trata o texto, é o que existia quando Tarik tomou Toledo (A. D. 711), e não o que, quando a recobrou (A. D. 1079), levantou el rei D. Affonso VI e que é hoje palacio do Arcebispo.

(9) De uma solida esmeralda
Ornada de gemmas ricas.

Para cohonestar esta inexactidão historica não tenho outro argumento sinão o

Pictoribus atque poetis, etc.

A celebre mesa de Salomão, que sendo levada por Muza a Bagdad, foi occasião de sua desgraça, existia, não em Toledo, mas n' uma povoação alem do Guadalaxara, á qual Tarik chamou *Medina-al-meyda*, villa da mesa, que nem é alguma das povoações do mesmo nome em Portugal, nem se sabe onde fosse. A' vista desta obscuridade, creio que não abusei da *quodlibet audendi potestas*, si aproveitando o tam poetico assumpto, colloquei um movel tam maravilhoso no principal palacio dos reis visigodos.

L'art de vérifier les dates, a respeito desta mesa diz : « L'aven-
« ture de cette table miraculeuse ne doit pas être révoquée en
« doute, puisqu'elle est rapportée par les historiens des deux
« nations. Il est probable cependant qu'il y ait erreur de calcul
« sur le nombre de ses pieds, que quelques auteurs portent à 360;
« erreur qui devient une absurde et ridicule méprise, si avec
« quelques compilateurs on donne 360 pieds de long à cette
« table sans réfléchir à l'impossibilité de la loger et de la trans-
« porter. Quant à la matière principale, elle était vraisembla-
« blement la même que celle de la fameuse coupe que l'on con-
« serve à Gênes. »

(10) Aqui vinte e cinco crôas
Por antigos reis cingidas.

É historico : estas vinte cinco corôas correspondiam aos reis

visigodos que haviam reinado em Hespanha até Rodrigo exclusive. Sobre cada uma estava gravado o nome, idade e duração do reinado do rei que a cingira.

(11) Da gran sala a porta *ogiva*.

Ainda tenho de recorrer ao meu bom amigo Flacco para justificar esta linha :

. . . . . Ego cur acquirere pauca,
Si possum, invideor?

Sem este novo cunho (si é que é novo — Constancio não inserio a palavra) não se poderia exprimir a idea com um só termo. Vulgarisado como está hoje, o estudo das linguas do norte e da architectura, poucos haverá que ignorem que *ogiva* é a forma arquipontuda das janellas e portas, que constitue uma das principaes feições do estilo gothico; sendo, como em geral aquelle estilo, derivada da folha da arvore.

(12) Dê em seu paço guarida.

O costume de mandarem os soberanos de Hespanha aos grandes da sua côrte que hospedassem a estrangeiros distinctos, existia ainda em tempos muito mais modernos que os de Affonso VII. Carlos V ordenou ao conde de Benavente que recebesse em seu palacio ao Duque de Bourbon que na batalha de Pavía o ajudara contra Francisco I. O conde obedeceo; mas logo que se retirou o seu hospede, julgando sua morada contaminada pela presença de um vassallo que se batera contra seu rei, lançou-lhe fôgo e reduzio-a a cinzas.

(13) De Vigo a Carmona a antiga.

De uma extremidade a outra dos dominios de Affonso VII. Reunindo este monarcha as tres corôas de Castella, Leão e Galiza, Vigo era uma das extremidades de seus reinos. Outra era Carmona, villa situada perto da fronteira de Castella a nova, na falda meridional da Serra Morena. Foi theatro de renhidas luctas, e por vezes tomada e retomada durante os arrancos do poder mouro.

Affonso VII começou a reinar em 1126 e morreo em 1157.

Egas Moniz apresentou-se em Toledo em 1130. A batalha de Ourique foi em 1139; mas muito tempo antes já se achava D. Affonso Henriques em campo contra os mouros.

(14) Que cannas, justas torneios.

Justa era combate entre dous, torneio entre varios campeões. Cannas eram jógos que consistiam em atirar e pairar hasteas sem ferro, dos quaes se derivam provavelmente os que hoje se conhecem em paises hespanhóes com o nome de *alcancias*.

(15) Esse templo existe hoje inda.

É natural que exista. Foi construido por Egas Moniz no logar onde o atacaram dous lobos, dos quaes elle se defendeo, matando-os, como por milagre.

O JUIZO DE SALOMÃO

O JUIZO DE SALOMÃO

ROMANCE PRIMEIRO

O AMOR MATERNAL

A affeição mais terna e pura
Que o peito humano aformosa,
É de uma mãe extremosa
Para seu filho a ternura.
Não ha egoismo que a dome,
Nem perigo que a acobarde;
É qual labareda que arde,
E inextinguivel consome,
E tam intensa e furiosa
Seu combustivel devora,
Que inda mais consumidora
A torna a bomba copiosa.

Si o filho indigno se mostra,
O amor a mãe lhe conserva;
E a ingratidão mais proterva
A mãe generosa arrostra.
Seu proprio gôzo ella esquece,
Quando o gôzo delle o exija;
O bem delle a regozija;
Delle a fama a desvanece.
Si a duro fado sujeito
O vê, seu amor se augmenta;
Si infamia o cobre, ella o estenta
Da mesma infamia a despeito;
E si o mundo justiceiro
De si banido o declara,
Ella em seus braços o ampara,
E é para elle um mundo inteiro (1).

—

Tudo o que respira e sente,
Seja bruto ou racional,
Da lei do amor maternal
O impulso segue fielmente.
Desprezando o passarinho
Do ameno prado a belleza,
Da tenra prole em defesa
Paciente guarda seu ninho;
É até se acredita que ha
Passaro voraz, tremendo,
Que as proprias veias rompendo
Sustento a seus filhos dá.
A mais fera e sanguinaria
Natureza este amor nutre;
O immundo e inclemente abutre,
A hyena atroz e falsaria.

Mas o maternal affecto
Que o peito humano aviventa,
Mais que qualquer, apresenta
Heroico e divino aspecto.
No mais selvagem da terra,
Entre as tribus mais remotas,
O peito de mães devotas
Heroismo sublime encerra;
E desde que a velha historia
Recorda humanas acções,
Levanta nobres padrões
De mães heroicas á gloria.
Lê-se no Volume Santo
O exemplo terno e tocante
Deste amor, que mais adiante
Vai dar assumpto a meu canto.

ROMANCE SEGUNDO

A VERDADEIRA MÃE

Reinando sobre Israel
Salomão, sabio monarcha,
Que das mãos de Deus eterno
Sabedoria alcançara,
Buscaram duas mulheres
Prostar-se-lhe ás regias plantas;
Carregava uma um infante
E a outra assim supplicava :
" Mandai, Senhor, que me entreguem
" O filho destas entranhas,
" Que perante vós por seu
" Essa vil mulher reclama
" O seu, entre os proprios braços
" Afogando, essa alma falsa
" Trocou pelo meu querido
" Quando entregue ao somno eu stava

« Acordo; achar-me descubro
« Co' um cadaver abraçada;
« E crendo que era o meu filho,
« Quasi a vida se me apaga.
« Mas inda posso em delirio
« Convulsa saltar da cama,
« E não ser meu filho o morto
« Do dia a luz me declara.
« Ah! vêde como as mãosinhas
« Me estende e meigo me afaga!
« Ah! vêde como a innocencia
« Em meu abono vos falla! »
Nisto audaz a outra a interrompe,
E furiosa « É falso » (exclama)
« 'O rei poderoso, tudo
« Quanto essa indigna relata.
« Não deis credito á mentira
« Que ante vós arteira trama;
« O meu filho aqui está vivo,
« O della exhallou já a alma. »

—

Mas o rei que o dom divino
Sabio entre sabios proclama,
P'ra que a verdade descubra,
Assim severo as ameaça :
« Que me tragam sem demora
« Uma cortadora espada
« Com a qual em partes duas
« Partida seja essa criança;
« E a cada uma das mulheres
« Que por seu filho a reclamam,
« Seja uma metade entregue,
« P' ra que vão contentes ambas. »

REPRESENTAÇÃO DE RAPHAEL.

Suspender, ó Rei piedoso!
Não morra essa prenda amada
Ouro antes perdel o vino
Do que vel o, e a voz lhe falta.

Do rei á voz obediente
Um dos guardas que o cercavam,
Tira a espada; e a que sostinha
O infante, surri-se e calla.
„ Ceos! „ gritando a outra convulsa,
Sem forças quasi desmaia,
E com sobrehumano esforço
Dizer póde estas palavras :
„ Suspendei, ó rei piedoso!
„ Não morra essa prenda amada;
„ Quero antes perdel-o vivo,
„ Do que vel-o..... „ e a voz lhe falta
El rei manda que suspendam
O duro golpe, e assim falla :
„ Qual seja a mãe verdadeira,
„ É para mim cousa clara.
„ Que mãe com semblante enxuto
„ De seu filho a morte encara?
„ A' mulher que jaz cahida
„ Seja essa criança entregada. „

—

Do sabio rei todo o pôvo
Por mui justo o juizo aclama;
E em louvor do Deus que o inspira
Entôa em vóz alta o Hosanna.

———

NOTAS

---

(1) E para elle um mundo inteiro.

A maior parte das ideas desses versos, desde o principio do romance até aqui, são de Washington Irving. Sua pathetica pintura do amor maternal no artigo *The widow and her son* é ao mesmo tempo tam completa e tocante, que receando fazer mal ao assumpto com afastar-me della, preferi traduzil-a com uma pequena addição. O original diz assim : « Oh! there is an « enduring tenderness in the love of a mother to a son, that « transcends all other affections of the heart. It is neither to « be chilled by selfishness, nor daunted by danger, nor stifled « by ingratitude! She will sacrifice every confort to his conve- « nience; she will surrender every pleasure to his enjoyment; « she will glory in his fame, and exult in his prosperity; and « if adversity overtake him, he will be the dearer to her through « misfortune; and if disgrace settle upon his name, she will « still love and cherish him in spite of his disgrace; and if all « the world beside cast him off, she will be all the world to « him. » (*Sketch Book*, vol. II, pag. 180).

O PROPHETA DE OLINDA

O PROPHETA DE OLINDA

ROMANCE PRIMEIRO

O SERMÃO

Os crimes e os vicios que gera a opulencia,
O orgulho, a indolencia, reinavam sem freio
Na villa de Olinda que a Deus não temia,
E a quem não movia do Inferno o receio.
Ao velho o mancebo já não venerava;
Já não respeitava seus paes próle impia;
Em nada importava já a fé dos contractos;
Quebravam-se os pactos; pudor não havia.
No lar das familias crescia a zizania;
Com furia e insania pleiteavam consortes;
Irmãos seus irmãos combatiam furiosos,
Entregues raivosos a roubos e a mortes.

O sceptro quebrara a sagrada Justica;
Calcava a cubiça do juiz seus deveres;
Nem era o mais probo quem pleitos vencia,
Mas quem mais valia em poder e em haveres.
Já não se encontravam de Deus nas moradas
As almas tocadas de santo fervor;
Só via-se altivo, dos pobres zombando,
Magnate ostentando do luxo o fulgor.
Na villa de Olinda que a Deus esquecia,
Que a Deus não temia, na matriz ufana
Brilhavam tapizes, queimavam-se odôres,
E a voz dos cantores entrava o Hosanna.
Mil cirios ornados a luz derramavam;
Nos lustres brilhavam mil prismas; e a gente,
Qual vaga encrespada que undula e susurra,
Aperta-se, impurra-se e ferve impaciente.
Na sacra cadeira em que excelsa Deidade
Derrama a verdade entre os póvos da terra,
Um monge sublime, dos ceos inspirado,
Declama indignado com gesto que aterra.
De neves cercada luzia-lhe a calva;
Barba longa e alva descia-lhe ao peito;
Seus olhos de fôgo arrojavam centelhas;
E as espessas celhas forçavam respeito.
Trajava talares de estôfa grosseira;
Marchavam na poeira seus pés sem calçado;
E um santo cordão lhe apertava o cilicio,
Mantendo em suplicio seu corpo magoado.
« Um Deus de seus dons vos encheo bondadoso,
« Mil vezes piedoso perdoou vossos erros, »
(Dizia) « mas vós desprezais sua graça,
« Buscando a desgraça constantes e pêrros.
« Um Deus vos ensina a humildade, a candura,
« Por vós da amargura agres fezes bebendo;

« E vós, esquecendo esses dons divinaes,
« Teimosos lançai-vos n'um abysmo horrendo!
« Ouvi, pôvo ingrato! fundi-vos em pranto!
« (Do volume santo eu as phrases copio);
« Ouvi de Belcházar, de um rei desditoso,
« O fim desastroso; attendei, pôvo impio!
« Folgava Belcházar, do fausto e alegria
« Em sumptuosa orgia cedendo ao impulso,
« Quando um dedo horrivel, sem dono, no muro
« Um distico obscuro lhe traça convulso!
« Dizer não poderam, nem sabios nem magos,
« O que esses presagos signaes indicavam;
« Mas poude-o Daniel, de Nabuco o prezado,
« Que vate inspirado os Caldeos reputavam.
« O distico obscuro que o dedo sem dono
« Traçara ante o throno do altivo Belcházar,
« O triumpho do Persa e do Meda annunciava,
« Que dono já estava das portas do alcázar.
« Cahio pois Belcházar, o altivo, o potente;
« Seu throno luzente por terra baqueou;
« E a hoste implacavel de Persas e Medas
« Jardins, alamedas, palacios galgou.
« Terá sorte igual esta Olinda formosa
« Que altiva, e vaidosa, e tranquilla hoje está;
« Seu pôvo vicioso da gente hollandesa
« Será facil presa, captivo será. »

ROMANCE SEGUNDO

O SACRILEGIO

Mal estas palavras sahiram da bôca
Do monge que a louca esperança animava
De a um pôvo insensivel mover, eis se observa
Da gente proterva o furor que assomava.
Olhares se cruzam; segredos se passam;
E os gestos ameaçam desordem, tumulto;
E em breve se ultraja com réproba assuada
De Deus a morada, dos santos o culto.
« Silencio! » gritaram magnates furiosos;
« Silencio! » obsequiosos plebeos repetiram;
E a sacra cadeira em que excelsa Deidade
Derrama a verdade, em furor invadiram.
Não valem do santo officiante os protestos;
Não valem seus gestos de ameaça e anathema:
O monge é da sacra cadeira arrancado,
Das mãos lhe é tirado dos christãos o emblema.

'As portas da igreja em tropel é trazido,
E á rua expellido por vis criminosos;
Mas seus olhos claros, quanto mais o insultam,
Mas ledos exultam, mais brilham fogosos.
As palmas em extasi aos ceos elevando,
Os joêlhos dobrando nas lages, com vozes
De preces ardentes que ao ceo dirigia,
O indulto pedia dos proprios algozes.
« Meu Deus, mitigai vosso justo castigo!
« Meu Deus, já que abrigo ao contrito off'receis,
« Por'mor dos que ao vosso preceito obedecem,
« Perdoai aos que esquecem vossas santas leis! »
Quem diga ha que o monge, nos ares suspenso,
Cercado de immenso fulgor se mostrara!
Que o pôvo aterrado, nas faces batendo,
Contrito e tremendo, no chão se prostrára!
Quem diga ha que o céo que brilhava tam puro,
Cobrio-se de escuro, impenetravel manto;
Que raios cahiram, trovões trovejaram;
E os fieis derramaram lastimoso pranto!

ROMANCE TERCEIRO

O CASTIGO

Nas ruas de Olinda se trava um conflito;
O Bátavo invicto em sorpresa se ostenta,
Que os raios do ceo mais veloz, mais temivel,
Mais irresistivel que vaga em tormenta.
Theodor Wandemburgo os conduz á victoria;
Theodor, o da gloria de Lysia inimigo;
Theodor, a que o céo vingativo protege,
Ainda que herege, dos maos por castigo.
Adiante do fero, do cruento combate,
Já foge o magnate, o plebeo desfallece;
E o Bátavo, as ruas de Olinda inundando,
Qual tigre entre bando de ovêlhas parece.
Entrando nos templos, de Deus a santa ara
As feras com rara impiedade ultrajaram;
Bebêram no calix sacrosanto; e ousadas
As vestes sagradas por mófa trajaram.

Soldados, paisanos, varões e mulheres,
Levando os haveres, mas da honra esquecidos,
Ouviram do Bátavo ao longe os alardes,
Quaes almas cobardes, na brenha escondidos.
E a gloria dos Lusos, tam fortes na guerra,
Jazêra por terra, perdêra seu lustre,
Si audaz não vingasse tam tristes revezes
De dous Portugueses o valor illustre
Na praça de Olinda de Frisia os infantes,
De raiva espumantes, a morte esparziam;
E já quantos bravos seu ferro arrostravam,
Seu ferro encontravam, por terra jaziam;
Quando ouve-se estranha e feroz vozeria!
Já a gente tremia, que ha pouco vencêra,
E em fuga largava confusa a correr,
Sem mesmo saber que tumulto aquelle era!
São dous adalides, dous leões esfaimados,
Que sós e arrojados na praça se entranham,
E a praça, inda ha pouco em victoria exultante,
Do sangue fumante dos Bátavos banham.
Um delles, Themúdo, em fogôso corsel
Derriba em tropel quanto frente lhe faz;
O outro é Salvador Azevedo, qual raio,
Que a morte e o desmaio ante si leva audaz.
Mas dous adalides que pódem em frente
Da innumera gente que na praça ferve?
Valor tam terrivel. audacia tam rara,
Para vender cara a existencia só serve.
Themúdo succumbe de balas crivado;
Seu corpo é pisado; é-lhe a face insultada;
E a hirsuta cabeça do affouto Azevedo
Infunde inda medo n'um chuço espetada.
E aos ferros curvou-se essa Olinda formosa,
Que altiva e vaidosa, vivera no vicio;

Seus templos a hereges profanos cedêram;
Seus filhos gemêram em duro suplicio.
E a voz de propheta do sublime monge
Que vira de longe de Olinda a desdita,
Foi tarde escutada; mas sua memoria,
Gravada na historia, por nós é bemdita.

ROMANCE QUARTO

DOMINE, NOBIS PARCE!

Soffreo incendio Sodoma,
Soffreo Nínive castigo,
Soffreo jugo do inimigo,
Qual Olinda, a altiva Roma;
  E tal qual soffreo Olinda,
  Teem soffrido outras ainda!
Os orgulhosos magnates
Que escarnecêram do monge,
Fôram chorar de bem longe
Os seus captivos penates;
  E tal qual soffreo Olinda,
  Teem soffrido outras ainda!
Invilecidos peões
Que os magnates adulavam,
E as paixões lhes fomentavam,
Soffrêram duros grilhões;
  E tal qual soffreo Olinda
  Teem soffrido outras ainda!

E o juiz, corrompido e atheo,
Que postergara a justiça
Para saciar a cubiça,
Pobre e faminto gemeo;
  E tal qual soffreo Olinda
  Teem soffrido outras ainda!
E o falsario mercador,
O do ouro alheio sedento,
Para sustentar o alento
Verteo amargoso suor;
  E tal qual soffreo Olinda,
  Teem soffrido outras ainda!
Soffreo incendio Sodoma,
Soffreo Nínive castigo,
Soffreo jugo do inimigo,
Qual Olinda a altiva Roma;
  E tal qual soffreo Olinda,
  Teem soffrido outras ainda!
Escutai os rogos meus;
E si a virtude de poucos
Compensa o vicio dos loucos,
Permitti, benigno Deus,
  Que tal qual soffreo Olinda,
  Não soffram outras ainda!

NOTAS

---

(1) Rocha Pitta, na sua *Historia da America Portuguesa* assim narra este incidente :

« Vivião os Pernambucanos na mayor opulencia, com ventagens em grandeza a todos os outros moradores do Brasil, mas tão esquecidos da modestia, que não seguiam outras leis, que as da vontade, com escandalo da Justiça, commettendo muitos delictos, em que, por se ostentarem mais famosos no poder, pareciam menos observantes na Religião. Por estas causas prégando em huma das suas Freguesias um Religioso grave com espirito Apostolico, e emphatico, reprehendendo em commum os vicios, e abusos da terra, e usando como em prophecia de huma muy propria paranomazia, disse, que *Olinda seria brevemente escrava de Hollanda*.

« A estas palavras levantando-se alguns dos principaes, que assistiam ao Sermão, o mandarão callar, e o fizeram descer do pulpito com violencia, e confusão, sem poder o Paroco atalhar aquella força, posto que applicara todos os meios de a obviar; desordem a que se seguio brevemente a perda de Pernambuco, e o cumprimento daquellas palavras, tão mal recebidas nos seus animos então, como depois lembradas nos seus arrependimentos, e ainda hoje conservadas com lagrimas nas memorias de todos os moradores mais qualificados de Pernambuco. » (*Rocha Pitta, Historia da America Portugueza*, livro quarto, §§ 62 e 63.)

A BATALHA DOS GUARARAPES

A BATALHA DOS GUARARAPES

ROMANCE PRIMEIRO

O CHEFE

Em mal guarnecida sala
Onde a vista se deleita
Co' os vistosos cannaviaes
Que cercam a Muribeca,
Em frouxa rêde encostado
Está João Fernandes Vieira,
Que ao rei ganhou um Estado,
E libertou sua terra.
Uma carta lê, e surri-se,
Como quem nada crê della;
E o messageiro que a trouxe,
De pé não sem medo espera.

E por fim em gran risada
Desatando, assim se expressa:
" Camarão, ligeiro vinde
" Ver como o Hollandes graceja. "
Camarão ligeiro acóde,
E Henrique Dias se acerca;
E Vieira relendo a carta,
Assim seus termos revela:
" Os do Grão Conselho, anciosos
" Por sangue não derramar,
" Promettem todos perdoar
" Que se entreguem respeitosos;
" E unicamente exceptuado
" O traidor Hoogstraten seja (1),
" Pois quem contra os seus peleja,
" Não merece ser perdoado.
" E os que não se submetterem
" Em dez dias, da indignada
" Hollandesa gente nada
" Sinão ferro e fôgo esperem.
" Passados elles a criança,
" O debil velho, a mulher,
" Tudo victima ha-de ser
" Da nossa justa vingança,
" Sem que até tachar possais
" De injusto nosso rigor,
" Pois quem provoca é autor,
" E vós sois que provocais. "

—

Acabada esta leitura
Se aproxima de uma mesa,
E ao Grão Conselho em resposta
Neste estilo escreve Vieira:

« Por certo é cousa risonha,
« Que quando pedir devia
« O Grão Conselho amnistia,
« Amnistia nos proponha!
« Si outra vez tam vil proposta
« A apresentar-me se atreve,
« Não espere que ella leve
« De mim polida resposta :
« O papel em que traçado
« For esse insulto grosseiro,
« Ha-de em cartuchos primeiro
« Ser por Vieira transformado,
« Que recheados depois
« De chumbo dizer-vos vão,
« Quem ha mister de perdão
« Sì somos nós, sí vós sois » (2).

—

E lendo o que havia escrito
Aos camaradas que esperam,
Os quaes ambos dizem : « Bravo!
« Resposta digna de Vieira; »
Ao messageiro aterrado
A carta sisudo entrega,
E o messageiro o aposento
Sem demora alguma deixa;
E entre filas de soldados
Atravessa a Muribeca,
E alegre por ver-se livre,
Volta ao Recife com pressa.

ROMANCE SEGUNDO

OS AGOUROS

Apenas o messageiro
Põe pé na arenosa rua
De Muribeca, os de casa
A conversar continuam.
Camarão, o insigne chefe
Dos atrevidos Tapuyas,
Contando está o que sonhara;
E Vieira e Dias o escutam.
Sobre o semblante de Vieira
Se vê pintada a amargura
Pois no sonho encontrar pensa
Presagio de má fortuna (3).
No semblante de azeviche
De Henrique Dias fulguram
Em contraste os brancos olhos
Que de assustados assustam.

" Eu sonhei " (o indio dizia)
" Que em honra de uma victoria
" Que vos cobria de gloria,
" Um banquete se servia.
" As salas frescas e bellas,
" Onde se dava essa festa,
" Tinham de ascento a floresta,
" Tinham por tecto as estrellas.
" Despedaçadas estavam
" As bandeiras arrogantes
" Dos Hollandeses; e ovantes
" As quinas lusas ondeavam.
" Mas para alcançar a altura
" Onde essa festa deviso,
" Transpôr a nado é preciso
" Torrente rapida e escura.
" Não hesito; corro ao mangue;
" Ligeiro na agua me lanço;
" E apenas seu centro alcanço,
" O rio muda-se em sangue!
" E cada vez mais robusta
" A corrente me atropella;
" E o corpo sobre a flôr della
" Sustentar muito me custa.
" E vejo os Bátavos cruentos
" De raiva os dentes rangendo,
" E a seus pés sangue vertendo
" Da tortura os instrumentos (4).
" E quanta mais ousadia
" Emprego; quanto mais nado
" P'ra ganhar o opposto lado,
" Mais me abandona a energia.
" E a phantasia se anima,
" E Vieira e Dias valentes

« Avisto, resplandescentes
« Dos Guararapes na cima;
« E a vossos pés Brinc bramindo
« Que a vida exalla damnado,
« E a Schoppe em sangue banhado,
« Que a vida salva fugindo.
« E quando já aproximar-me
« Do grande banquete penso,
« Vem vaga de sangue denso
« Em seu seio sepultar-me. »

—

Assim disse Camarão;
E Vieira e Dias, que mudos
Ao sonho ominoso attendem,
Nelle veem de mal preludio.
Só Camarão nada enxerga;
Pois áquelles que a fortuna
Tem por victimas marcado,
O que aos outros mostra, occulta.
Em silencio estavam todos
Quando agoureira coruja
Sobre o telhado repete
Tres gritos com voz aguda;
De Vieira e Dias os olhos
A impulso mutuo se cruzam;
Assustados do ominoso
Som que de dia escutam.
Nisto negra borboleta
Entra na sala; circula
Em roda do indio; e ligeira
O vão da janella busca.
Porfim sahindo os tres chefes
Cada um toma sua rua,

Concordes em que mais tarde
No acampamento se reunam;
  E apenas só o indio vê-se,
Na estrada encontra uma turma (5)
De negros que em rêde um morto,
Levavam á sepultura.
  Oh! quanto Dom João ganhava,
E ganhava Pernambuco,
Si essa fatal comitiva
Marchasse em opposto rumo!

ROMANCE TERCEIRO

A MARCHA

Pela estrada que o Recife
Com Serenhem communica
Seus valentes Brasileiros
O invencivel Vieira guia.
De um lado e outro da estrada,
Cobrindo amenas campinas,
O verde gaio das cannas
Enche a vista de alegria;
E em grupos de espaço a espaço
O verde campo matizam
As mangabeiras vistosas,
E do alto coqueiro as filas.
Sobre um isabel garboso,
Trazido da Andaluzia (6),
O chefe audaz seus valentes
Esquadrões á gloria guia.

Chapéo armado de aba alta,
Orlado de negra fita,
Em que ondêa branca pluma,
Dos raios do sol o abriga.
Veste um gibão escarlate,
De forma entre nova e antiga (7),
E em bota alta de canhão
Leva a argentea espora fixa.

—

De seus bravos Africanos
Segue á frente Henrique Dias ;
E nas faces de azeviche
Constancia e arrojo lhe brilham.
Tem vestes dé rijo couro
Que do sertão vir indicam,
E alça altivo o braço esquerdo
Sem mão na guerra perdida.

—

Atrás commanda pujante
De Tapuyas tribu invicta (8)
O raio que contra Hollanda
Fulminou da Parahyba
De Christo lhe pende ao collo
A cruz em vermelha fita;
E da côr da fita lhe arde
O semblante de ousadia.
Sobre o peito empunha a espada;
O chão com pé firme pisa;
E aos seus voltando a cabeça,
Sem parar, assim dizia :

—

« Que contra a gente traidora
« De Hollanda sempre invencivel
« Foi vosso valor terrivel,
« Ninguem, Tapuyas, ignora.
« Eu mais de vós hoje espero;
« Nem ficarei satisfeito,
« Si vosso indomavel peito
« Só vence ao estrangeiro fero.
« Quero que vossa ousadia
« Vença a do negro Africano,
« E do audaz Pernambucano
« Inda exceda á valentia :
« O vencer crueis inimigos
« É cousa facil; vencei,
« E que tal podeis bem sei,
« *Em valor* vossos amigos,
« E quando o chumbo endiabrado
« Do Poty o peito attraia (9),
« Tapuyas, Poty não caia
« Sem ser pelos seus vingado. »

ROMANCE QUARTO

O ATAQUE

Em bosque de sapucaias,
Brahúnas e sucupiras,
Que ás falda dos Guararapes
Se estende a perder de vista,
Do Poty valente os indios
E os negros de Henrique Dias,
Em taciturna emboscada,
Sem mover folha, se abrigam;
E fronteiro deste bosque
Um mangue a terra cobria,
Que em torno asperas tabocas
Com seus feixes entupiam.
A quem vem de Muribeca,
E ao Recife se encaminha,
A estrada do bosque á borda
Dá difficil travessia.

Seus fogosos troços Vieira
A cobrir o trilho envia,
E poucos peõs por disfarce
Em frente delles alinha.

—

Quem visse a selva em silencio
E os brutos mudos, diria
Que a liberdade da patria
Tambem elles defendiam :
Stão quietas e attentas no alto
Da sapucaia as guaribas,
Envoltas em suas pelles
Brandas, negras e luzidas ;
E espreitando atrás dos troncas
Callado o quandú se ouriça ;
E o jacaná e maçarico
No mangue occultos não piam.

—

Mandando suas phalanges,
Numerosas e aguerridas (10),
Cavalga o Bátavo Schoppe
Uma bella egua tordilha
Vem atrás o ousado Brinc
Com cara serena e fria,
E caminha mal sabendo
Que para a tumba caminha.
O traidor Pedro Poty
Que vil enveja domina,
O estranho Bátavo ajuda
Contra as lusitanas quinas.

Tambem veem negros ferozes,
Mas não são de Henrique Dias;
E até deixam suas náos
Muitos bravos da marinha.

—

Apenas na estrada ao longe
Os troços de Vieira avista,
Passa Schoppe a voz de « a trote, »
E a trote todos desfilam.
Mas de repente do bosque
Sem ver-se donde sahia,
Surge fumo e se ouve estrondo
De mortal mosqueteria.
O pavor grassa por todos;
Schoppe exangue ao chão se atira;
Brinc co'a dextra o peito aperta,
E « *duivel* » gritando, expira (11).
Mas pouco o terror lhes dura,
Pois recobrando energia,
Buscam de seu chefe a morte
Vingar e salvar a vida;
E de ambas partes se trava
Uma lucta tam renhida,
Que balas, pó, fumo e settas,
Quasi escurecem o dia.
Mil globos que a morte levam
Sem cessar pelo ar sibilam,
E tudo o que adiante encontram,
Penetram, fendem, derribam.
O Hollandes cuja patrona
Vem de munição provida,
Não cessa o fogo; em seu sabre
O Brasileiro confia.

Um tapete de cadaveres
Sobre a terra está tendido,
No mangue atrás das tabocas
Mil cadaveres sumidos.
Mesclam-se aos gritos de guerra
De agonisantes os gritos;
« Fôgo, avante, á carga, ataca;
« Myn Got, Santa Virgem, Christo! »

—

Camarão por toda a parte
A espada certeira empina,
E em trôco de um cento que abre,
Recebe fatal ferida;
E como um jaguar que a setta
No lombo leva mettida,
Em vão a sacode, e em raiva
Tudo o que encontra, espatifa;
Camarão cego se entranha
Pela espessa infanteria,
E por onde marcha irado
Se franquêa larga via.
Outras vezes atacando
Troços de cavalleria,
Cavallos sobre seus donos
Seu braço invicto derriba.
E já a morte derramava
Por toda a extensão da linha,
Quando ante si sem que a espere
Bombarda de bronze avista.
Quer ousado acommettel-a;
Pára um pouco; a phantasia
Outra vez ante seus olhos
Um rio de sangue pinta.

Dos Guararapes no cume
A mesma visão devisa,
Que vira em sonho; e arrojado
Sobre a bombarda se atira.
Nisto se ergue espesso fumo;
Succede ao clarão que brilha
Rijo estoiro; a bala o passa;
E elle cahe no chão e espira.

—

O Hollandes em poucas horas
Em debandada fugia,
E nos muros da Barretta (12)
Buscava forte guarida;
Mas a victoria gloriosa
Por mui cara Vieira estima,
Pois a comprara por preço
De uma tam valiosa vida;
E encerrado na Barretta
Contam que Schoppe dizia:
« Por matar esse indio intrepido
« Eu cem victorias daria. »

—

No Recife existe um templo (13)
De que é Patrona benigna
A Virgem dos militares;
Delle á entrada se devisa
Um tosco painel traçado
Por mão de patriota artista,
Que este padrão nos recorda
Da brasilea valentia.

NOTAS

(1) Hoogstraten

O major hollandes Hoogstraten que commandava o forte de Nazareth, e o vendeo a Vieira, em 3 de outubro de 1645, por 2000 cruzados.

(2) Qnem ha mister de perdão,
Si somos nós, si vós sois.

O teor desta resposta de Vieira, assim como da proposta que a precedeo, é estrictamente historico. Fr. Rafael de Jesus a cita no *Castrioto Lusitano.*

(3) Presagio de má fortuna.

Entre os philosophos de nossos dias haverá talvez quem julgue a propensão supersticiosa que attribúo a Vieira e era caracteristica do seu tempo, incompativel com seu preclaro engenho e reconhecido tino. Eu não encontro contradicção nisso; antes pelo contrario me parece que frequentemente essa mesma propensão é symptoma de almas romanescas, cavalherescas e emprehendedoras. Sem fallar de Napoleão cuja superstição póde ser que fosse affectada, eu pudera apontar, em prova do que assevero, muitos exemplos historicos; mas contentar-me hei com citar duas linhas de Shakespeare, esse grande conhe-

cedor do coração humano, que seguramente não commetteo impropriedade quando as pôs na bôca de Hamlet :

> There are more things in heaven and earth, Horatio,
> Than are dreamt of in your philosophy.

(4) De tortura os instrumentos.

Não recorrerei aos escritos dos Portugueses, que podiam ser apaixonados, para provar as crueldades que commettiam os Hollandeses nas capitanias brasileiras que haviam conquistado. O proprio Principe Mauricio de Nassau, quando se retirou á Europa em 1644, julgou necessario recommendar ao Grão Conselho, entre outras cousas, que se abstivesse da tortura, que *era tam favoravel á falsidade, como á verdade.*

(5) Um defunto

O defunto encontrado *na mesma direcção em que se caminha*, ainda hoje é considerado mao agouro no Brasil, assim como a visita das immensas borboletas pardo-escuras. O do canto dos moxos é superstição universal; o leitor versado na literatura inglesa conhecerá sem duvida os bellos versos que Shakespeare, na tragedia de *Julius Cæsar*, pôs na bôca de *Casca :*

> And, yesterday. the bird of night did sit
> Even at noon day, upon the market place
> Hooting and shrieking.

(6) Trazido de Andaluzia

Não se perca de vista que poucos annos antes o Brasil era parte dos dominios do rei de Hespanha.

(7) De forma entre nova e antiga.

No principio do reinado de Luiz XIV, no seculo XVII, se encontram já symptomas da transição dos trajes antigos para os modernos; do justilho ou gibão e capa com gargantilha, para a casaca com pescocinho e gravata.

Não respondo pela correcção dos trajes descritos no texto : procurei cingir-me aos do painel da igreja dos militares no Recife.

(8) Tapuyas

Tapuyas era o nome geral dos indios que habitavam a costa de Pernambuco, Rio Grande N., Maranhão, etc. Esta nação compunha-se de varias tribus; e D. Antonio Felippe Camarão foi chefe, e depois capitão mór, de uma dellas, a dos Pitiguáres.

(9) Poty

Poty em lingua brasilica significa camarão; e assim era o capitão mór D. Antonio Felippe chamado pelos seus.

(10) Numerosas

Schoppe nesta batalha dispunha de 7,200 homens que fôram derrotados por 2,500 Brasileiros.

(11) Expira

Camarão (D. Antonio Felippe) morreo depois da primeira batalha dos Guararapes e antes da 2ª, de doença occasionada pelos seus trabalhos militares; creio porêm que não abusei da *potestade* poetica, fazendo-o terminar sua carreira de um modo digno della. Na 2ª batalha pelejou seu primo Diogo Pinheiro Guimarães.

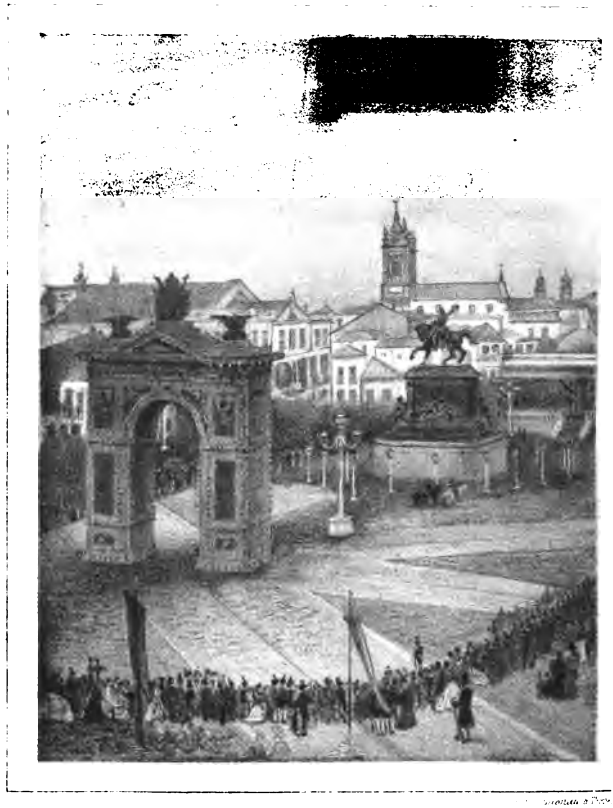
(12) Barretta

Este forte, depois de ser heroicamente defendido por Bartolomeu Soares Cunha, foi tomado pelos Hollandeses pouco antes da batalha dos Guararapes.

(13) Um templo

É a capella de N. S. da Conceição dos militares, situada no bairro de Santo Antonio na capital de Pernambuco.

O YPIRANGA



A ESTATUA EQUESTRE DO SENHOR D. PEDRO I

NO RIO DE JANEIRO.

O YPIRANGA

ROMANCE PRIMEIRO

O PEDESTRE

Pela larga e alegre estrada
Que das ribeiras amenas
Do Janeiro parte e busca
De são Paulo as altas serras,
Solitario caminhante
Caminha em marcha ligeira,
Tam concentrado em si mesmo
Que em torno a si nada observa.
Folgada calça e camisa
De frouxa mineira tela
Veste, e de azul estofa,
De Nankin producto, véstia.

Chapeo de palha abilongo
Do ardor do sol o acoberta,
E o pé muscular, callôso,
Na arêa descalço enterra.
Sobre o seu peito robusto
Cruzam-se negras corrêas
Que sujeitam sobre as costas
Ligeira e breve maleta.
Seu rosto é da côr do cobre;
Baixa e estreita sua testa;
Nariz chato; e em sua bôca
Dentuça elevada ostenta.
Da côr do jacarandá
Tem indocil cabelleira;
Seu aspecto, frio e estulto,
Mui parco intellecto attesta.
E assim segue em sua marcha,
Sem saber que ás costas leva
Centelha, a dar destinada
A um grande Imperio existencia.

—

Das campinas abundantes
Que a mil rebanhos sustentam,
Com seu monótono trote
Sem parar passa as estremas;
E o paço espaçoso e antigo,
Reliquia da gente austera (1)
De Loyola, avista, alcança,
E atrás de si tambem deixa;
E devisando de longe
Da Manga Larga a alta serra,
Do Taguahy preguiçoso
A humida varzea atravessa.

O sol que a frescura afoga
Da risonha primavera (2),
Seus raios dardeja iroso
Na sua impervia cabeça;
E elle segue em sua marcha,
Sem saber que ás costas leva
Centelha, a dar destinada
A um grande Imperio existencia.

—

Já da serra da Bocaina
A garganta acclive e estreita
Alcança, e co 'o mesmo passo
Remonta com que descêra;
E entranha-se por sombria
E magestosa floresta,
Onde arômas se respiram.
E o irado sol não penetra.
E o indio que da cidade
Os jardins, paços e igrejas,
As armadas poderosas,
As soberbas fortalezas
Sem emoção avistara,
Com cara risonha e leda
O portento magestoso
Da natureza contempla.
Do tapinhuan tam precioso
A que o tempo em vão faz guerra,
Do jequitibá copado,
Do alto ipê, da rija aroeira,
Os troncos altos, frondosos,
Aos ceos sem freio se elevam,
Quaes sacrilegos gigantes,
Provocando a faisca eterna.

A copa da uruburama,
De purp 'ra toda coberta,
E da paina a alva cortiça
Dão rico matiz á scena;
E aqui e alli, firme e altivo,
O coqueiro, rei das selvas,
Da sua crôa elegante
Os curvos florões menêa.
Os taquarussús vaidosos
Em densos feixes se achegam,
E adulando os altos troncos
Seu verde penacho ondêam.
E mil vistosas grinaldas
Das ramas estão suspensas,
E das juncturas dos galhos
Floridos grêlos rebentam,
Quaes sofregos parasytas
Que aos reis poderosos cercam,
E si lhes dão brilho e pompa,
O succo e a vida lhes seccam.
No recinto mais remoto
Desta fresca e virgem selva
O pesaroso macuco
Com triste gemer se queixa.
Pairando ante o mel das flores
Da invisivel asa as pennas
O colibri primoroso
Do collo os rubís reflexa;
E o palreiro papagaio
Que nos ramos se empoleira,
Com roaz bico desfaz tudo,
E de mexer-se não cessa;
E o pobre, incauto, inhambú
Cahe na traidora esparrella

Do caçador que com arte
Seu trinar brando arremeda;
  E a compasso da araponga
Retinne a pancada crebra,
Qual de ferreiro incansavel
Que na bigorna martella;
  E em quanto os bosques susurram
E as flores fragrancia geram,
E as aves enchem os ares
Com musica suave e terna,
  Prosegue o indio em sua marcha,
Sem saber que ás costas leva
Centelha, a dar destinada
A um grande Imperio existencia.

—

  A través do fresco bosque
A grande estrada penetra,
E com miudos torcicollos
Alcança o cume da serra;
  E em cada gróta sombria (3)
Que aqui e alli a intersecta,
Da mais cristalina lympha
Um ribeiro se escorrega,
  Que com musical murmurio
Se atira de pedra em pedra,
Mais clara que o vivo azougue,
Que o branco gêlo mais fresca.
  Em lisa e espaçosa folha
De silvestre bananeira
O indio sollicito a apara,
E acha pouca quanta beba;
  E prosegue em sua marcha
Sem saber que ás costas leva

Centelha, a dar destinada
A um grande Imperio existencia.

—

Da espessura impenetravel
Assomava o indio apenas,
Quando horrivel tempestade
A seus olhos se apresenta.
De repente transformada
Fica toda a natureza,
As auras guardam silencio,
E o ceo de terror se empregna.
Em direcções encontradas
Cruzam-se nuvens espessas;
E ronca o trovão, qual ronca
A onça da prole em defesa.
Jaldiloios gaturamos
E tiês de purpureas pennas,
Parando o canto harmonioso,
Tristes nas ramas se embrenham;
E só se ouve o guincho agudo
Do gavião, ave altaneira,
Que aos ceos sóbe, e exulta em quanto
As outras aves se aterram.
Gôta solitaria e morna
Molhar-lhe as mãos o indio observa,
E em timido sobresalto
De abrigo em busca se apressa.
Em mais um momento a chuva
Açouta as ramas tam tesa,
E com tanta fôrça as dobra,
Que as ramas tocam na terra;
E por fim se precipita
Com tal furia e tal violencia,

Que o caminhante assustado
Ver novo diluvio pensa.
O indio protecção procura
Sob uma imminente penha,
E um corisco inunda os ares
Apenas nella se alberga.
Outro e mais outro após brilham,
Cruzam-se faxas accesas,
Trovões sem cessar, quaes bérros
De mil bombardas, trovejam.
" *Santa Barb'ra! São Jerónimo!* "
O indio diz; persigna a testa;
E de joêlhos com mãos postas
Murmura davota resa;
E em terror e pasmo absorto
Mal sabe que ás costas leva
Centelha, a dar destinada
A um grande Imperio existencia.

—

Mas do ceo como a dos homens
A furia jámais é eterna:
Não ha prazer que não finde,
Nem mal que termo não tenha.
E assim que desaffogada
Se sentio a natureza,
Se ostentou com maior garbo,
Mais pura, risonha e fresca.
Sobre as limpas verdes folhas
Dançam cristalinas perlas,
Quaes raudaes em miniatura
Riachos pelo chão serpejam;
E o indio segue sua marcha
Sem saber que ás costas leva

Centelha, a dar destinada
A um grande Imperio existencia.

—

Mas por entre os frescos morros
Inda o Parahyba leva
Torrente copiosa e turva,
Restos da irada tormenta;
E deixando os altos cumes
Da Bocaina, vai a amena
Terra paulista regar (4)
Antes que ao mar arremetta.
Apenas respira o indio
O ar da paulistana terra,
Se lhe incha o peito de gosto
E alegre o passo accelera;
E como a adextrada pomba (5)
Que deixando as ribanceiras
Do Tamisa, aos ares sobe
Com vôo espirar ligeira,
E apenas divisa ao longe
Do Escalda a torre soberba,
Sobre ella a cabeça inclina,
Qualrecta e rapida flecha;
E suspendido ao pescoço
Cartel ligeiro acarreta,
Que talvez ricos em pobres,
Pobres em ricos converta;
O indio assim prosegue á vante,
Nem sabe que ás costas leva
Centelha, a dar destinada
A um grande Imperio existencia

ROMANCE SEGUNDO

O RANCHO

Do Parahyba tortuoso
Sobre as margens escarpadas
De Guaratinguetá a villa
A branca matriz levanta;
E um tosco rancho se avista
Alem da villa na estrada,
Que ao boíadeiro e tropeiro,
E ao capataz dá pousada.
De doze fortes esteios,
E das vigas que a estes travam
E aguentam pesado tecto,
Consiste, sem outra guarda;
E protegidas do tempo,
E com ordem apinhoadas,
Em seu centro estão em grupo
Albardas, couros e broacas.

Fileiras de estacas toscas
No terreiro em frente se alçam,
Em que as amarradas bestas
Milho em seus burnaes chocalham.
Do rancho tosco e sombrio
Situada a pouca distancia
A venda está do seu dono
Com baixo alpendre na entrada;
E abrigados neste alpendre
Da tarde o fresco tomavam,
Personagens importantes,
De humor, e em postura varia (6).

—

Pensando sómente em lucros,
Em um pilar se arrimava
O proprietario da venda;
Com brusca e sinistra cara.
Sentados contra a parede
Junto a carcomida banca
Dous capatazes se viam,
Que enormes ponches enfiavam :
Teem rosto magro e moreno,
Estatura esbelta e alta,
Cabello negro, olhos vivos,
Nariz fino e frente alçada.
Sobre a ligeira maleta,
Sem se importar co'o que passa,
Ao ar sereno o pedestre
Fóra do alpendre descança.
Mas de entre todos do grupo
Não ha quem a vista attraia,
Como um respeitavel velho
Que n' um tripode se abanca.

O peso de longos annos
Já tem-lhe as costas curvadas;
Mas o fôgo que lhe anima
A alma, o tempo não apaga.
Cabello escasso e de neve
Lhe crôa a lustrosa calva;
Sobre sua testa adusta
Profundas rugas se traçam;
Queimado é do sol seu rosto;
Seu nariz qual bico de aguia;
Seus olhos brilham, qual brilha
No inverno noite estrellada.
Já roaz marfim não guarnece
A sua bôca chupada,
Que inda mais chupa com sorvos
Da corityba na planta.

—

Em silencio estavam todos
Até que o sino da branca
E velha matriz tocou-lhes
Das Trindades a hora sacra.
A um tempo todos se ergueram
E com mãos postas resaram;
Mui contrito o indio pedestre,
Mui pouco o dono da casa.
E depois que entre uns e outros
Boas noites fôram dadas,
Cada qual em seu assento,
Como estava antes, se arranja.
Então como quem procura
Renovar uma passada
Disputa quasi esquecida,
Desta arte o vendeiro exclama:

« João Carlos Augusto Oyenhausen (7)
« 'E neste paîs de bravatas
« O unico homem de respeito;
« Tudo o mais é ruim gentalha. »
E com desprezo mettendo
As mãos nos bolsos da calça,
Uma canção de partido
Entre dentes assobiava.
Mas não soffrendo-o um dos jovens
Capatazes que escutava,
Fel-o parar o assobio,
E tremer co 'estas palavras :
« Eu conheço muita gente
« Que se parece ás cigarras;
« Cantam, si cantar as deixam;
« Si sentem passos, se callam.
E olhando co 'o rabo do olho
Pintado o susto na cara
Do pobre vendeiro observa,
E prosegue em voz mais alta :
« Eu vou com Martim Francisco,
« E assim o digo em voz clara;
« E si disso ha quem não goste,
« Que para o terreiro saia. »
Isto dizendo p'ra fóra
Do alpendre ligeiro salta;
E mettida na alta bota
Deixa ver pontuda faca.
E onde acabara quem sabe
Esta rixa encarniçada,
Si o velho, acudindo pronto,
Não procurasse atalhal-a.
« Prudencia, patricios » (disse
Com voz aberta e pausada)

" Que significam disputas
" Em que não se ganha fama?
" Os Paulistas do meu tempo
" Viravam só suas armas
" Ao Castelhano ambicioso
" Ou ás indias tribus bravas;
" E agora que unidos todos
" Quaes irmãos marchar nos quadra
" (Pois tempos raros são estes!)
" É que provocais demandas?
" Attendei-me! Eu vi em sonho
" E os meus sonhos nunca falham!)
" Que no alto do Cubatão
" Um gigante se elevava!
" Por uma imperial corôa
" A testa tinha coroada;
" E um manto verde dos hombros,
" Bordado de ouro, lhe ondeava..
" Tinha na dextra uma Biblia
" De auriverde encadernada;
" E em torno a sua cabeça
" Desoito estrellas brilhavam!
" Destas uma ou outra ás vezes,
" Qual vago cometa, errava
" No espaço, com rumo incerto
" E a claridade apagada;
" Mas a magestosa crôa
" Qual íman a si as chamava,
" E em torno outra vez reunidas,
" Brilhavam todas mais claras!
" P'ra vós este portentoso
" Sonho talvez nada valha;
" A mim não succede o mesmo,
" Pois conheço-lhe a importancia.

" E si minha fria tumba
" Não stivesse tam chegada,
" Em vez de aqui, eu staria
" Limpando minha espingarda.
" Pois crêde; este braço debil,
" Estas mãos hoje enrugadas,
" Houve um tempo em que sabiam
" Defender o rei e a patria.
" E si hoje por velho e pobre
" Já ninguem me faz zumbaias,
" Muito bem jactar-me posso
" Da linhagem mais preclara.
" Meu sangue é sangue dos Lemes,
" Dos Buenos, Freires de Andrada,
" E Ponces de Leon que altivos
" Co' um ducado não se ufanam (8).
" Essa villa que alli vemos,
" Sim senhor, foi levantada
" Por um Dionisio da Costa (9)
" Primo da minha madastra.
" Amador Bueno, meu tio (10)
" Si não foi nosso monarcha,
" Foi por que a seu rei Dom João
" Quiz guardar a fé jurada.
" Meu tio Paes de Araujo (11)
" Foi nas margens afastadas
" Do Tocantins caudaloso
" Conquistar nações bizarras.
" Tambem era meu parente
" O ousado Affonso de Maffra (12)
" Que conquistou o Piauhy
" Aos feros indios Marácas,
" De Thomé Lopes Camargo
" Era minha avó enteada;

„ Esse que achou o ouro preto,
„ E entrou na fatal batalha (13).
„ Em fim meus parentes eram
„ Os que queimaram La Guáira (14),
„ E ao usurpador de Castella
„ São José e Xerez tomaram.
„ Si não fosse esta velhisse,
„ E os males que tanto a aggravam,
„ Neste canto entregue á inercia
„ Um momento eu não ficara;
„ E desse Principe Augusto
„ Que para São Paulo marcha,
„ Correra já sem demora
„ A prostrar-me ás regias plantas;
„ E estou certo que obteria
„ Delle dragonas e banda,
„ Pois meu bisavô já era
„ Sargento mór de ordenanças. „
E no meio de basofias (15)
E vaidades que não damnam,
Uma alma o velho descobre
Grande, firme, leal e ousada.
Mas aqui não pararia,
(Nem se sabe onde parara)
Si o vendeiro descontente
Não lhe cortasse a palavra.
„ Os mosquitos já incommodam;
„ Cada qual p'ra sua casa;
„ Bôas noites, meus senhores: „
Assim diz e a porta tranca.

—

E cada qual se retira
Buscando a sua pousada,

Os capatazes com ponches
Compõem suas brandas camas;
  Tropeiros e boiadeiros,
Deitados sobre as albardas,
Roncando forte, bem mostram
Quam tranquillas teem as almas.
  O velho põe na cabeça
Seu chapeõ de leve palha,
E por seu bordão sostido
'As margens do rio marcha;
  E n' uma pobre palhoça,
Falto de tudo, descança
O descendente dos Ponces,
Lemes e Freires de Andrada.

—

  No alpendre o pedestre dorme;
E a risonha madrugada
Mal raiava, quando activo
Já p' ra São Paulo trotava;
  E caminha equilibrando
A leve mala que guarda
Centelha, a potente Imperio
A dar o ser destinada.

ROMANCE TERCEIRO

O PRINCIPE

Rega o fadado Ypiranga
Campinas frescas, viçosas,
Antes que ao pedroso leito
Do humido Tieté se acolha;
E pela arenosa estrada
Que as claras aguas lhe corta,
Tangendo a compasso os cascos.
Grande cavalgada trota.

Com porte marcial e erguido
Em corsel de brio e força
Dianteiro a todos caminha
O HEROE d'America e Europa.
Dos reis toda a magestade
Que respeito e acato fórça.

Lhe luz com fulgor sereno
Sobre sua face airosa.
  Engenho preclaro ostenta
Sua fronte volumosa
Em que de Bragança os grandes
Olhos rutilantes mostra.
  Do chapeo por ambos lados
Castanhos anneis se assomam;
E profusas crespas suissas
Pescôço e barba lhe adornam.
  Inspira confiança e affecto
Sua benevola bôca
E sobre ella curto e denso
Bigode as pontas enrosca.
  Em seu peito largo e erguido
Bordada farda abotôa;
E em seus hombros levantados
Chocalha as aureas dragonas.
  De pó tem toda coberta
A bota; e na argentea espora
Retinne fatal espada,
De um novo Imperio creadora.

—

  E já por pouco tocavam
Do Ypiranga as frescas bordas,
Quando atrás pequeno vulto
Na estrada ao longe se mostra;
  Já se esconde nos baixios;
Já sóbe ao cume das lombas;
Já se acerca; e que é, suppõe-se,
Pedestre que leva a posta.
  Assim a fragil barquinha
Que no mar irado voga,

Ora se esconde no abysmo,
Ora ás nuvens se remonta.
  Presumir-se póde apenas
Que é correio, a marcha afrouxa
A cavalgada; e faz alto
Logo que disso tem prova.
  Chega em fim o indio pedestre;
Do peito as fivellas solta;
Larga a mala, e com dous dedos
A testa que lhe pinga esgota.

—

  Pouco após estava aberta
A maleta misteriosa;
E apeado o Principe Augusto
De varias cartas se apossa

—

  De grande volume um masso
De entre ellas primeiro escolhe,
Em que unido vê ao de Lysia
De Hapsburgo o brasão nobre,
  — Emblemas entrelaçados (16),
Que attestam que a amada próle
Co' o sangue de Reis augustos
Mistura o de Imperadores.
  Abre a carta; com semblante
Serio primeiro a percorre;
Pouco após a mão lhe treme,
Turva o rosto e o labio morde.

—

Nas mãos de um seu ajudante
As cartas lidas colloca;
E as outras sofrego abrindo,
Lendo-as, o pé bate e cora.
" Apuram toda a paciencia
" Ordens tam provocadoras "
(Diz) " Mas pensam mal, si pensam
" Que o Brasil soffrer tal possa.
" Recáia pois toda a culpa
" Sobre as Côrtes lusas; soffram
" Duro e amargo desengano,
" Já que sem tino o provocam. "

—

Assim diz; agarra as redeas;
Ao sellim ligeiro monta;
E está qual a prenhe mina
Em quanto arde a humida escorva.
Seus olhos enthusiasmados
De fôgo settas arrojam;
Hesita; um suspiro arranca,
Como quem se desafoga;
E empunhando a fina espada,
Da cabeça em torno a move;
E em voz que no ceo penetra,
Grita: " INDEPENDENCIA OU MORTE! (17)

—

Viva o Defensor Perpetuo
Do Brasil! todos entôam;
O Brasil independente
VIVA! mil vezes pregôam.

—

E esse VIVA n' um momento
Salva as serras tormentosas,
Baixa ao mar, veloz retumba
Pela brasileira costa;
E subindo ao rio argentéo
Do Paraguay sobre as bordas
Entre os ligeiros gaúchos
Que não querem crel-o, sôa.
Enche as praias tropicaes,
De São Roque o cabo dobra,
E circula em mil arterias
Do magestoso Amazonas.
No Macapá impregnavel
O estrondo das bronzeas bócas
O repete, arremessando-o
Do Oyapok ás margens toscas;
E dalli buscando os cumes
Da Pacaraima pluviosa,
Retumba pelos dourados
Tectos da insigne Manoa (18).
Ouvem seus echos de perto
Do Orinôco as turvas ondas;
E em sympathia Bolívar (19)
Applaude a gloriosa nova;
De Tabatinga a muralha
Pendão auriverde arvora
E ao peruano de Loreto
O VIVA em trovões arroja.
Por cascatas e arrecifes
Ao Madeira se remonta,
E do Principe da Beira
A artilheria o entôa;
E por fim retumba altivo
No forte de Coimbra a nova,

E dos Guaicurús valentes
Assusta as nomades hordas.

—

E quando o Deus dos Imperios
De Pedro ao herdeiro da crôa,
Sagra com seu oleo, ouvindo
As preces que ao ceo remontam
Do Brasil, de novo alçada,
Outra vez brilha gloriosa
A espada que no Ypiranga
Foi de um Imperio creadora

NOTAS

---

(1) Reliquia da gente austera
De Loyola...

O imperial palacio de Santa Cruz, que pertenceo originalmente aos padres da Companhia.

(2) Da risonha primavera

A independencia do Brasil foi declarada na nossa primavera, em 7 de setembro de 1822.

(3) Grota

Grota é seguramente corrupção de *gruta;* mas sem duvida um serrano brasileiro não entenderá quando se lhe falle em *gruta* que em portugues significa *antro, caverna,* entretanto que por grota entre nós se entende a quebrada entre dous morros que dá esgoto ás vertentes de ambos.

(4) Terra paulista regar

O rio Parahyba tem a sua origem na provincia do Rio de Janeiro, donde correndo ao poente penetra pela de São Paulo, e

depois de traçar nella um semicirculo, regressa á provincia onde nascera, a qual abraça pelos fundos, e a final desagua pela barra de Campos muito a leste.

(5) E como a adestrada pomba

Os celebres pombos messageiros, dos quaes existia, quando se escreveo este Romance, uma carreira entre Londres e Antwerpia, serviam principalmente para facilitar as especulações dos jogadores de fundos publicos. O seu vôo era como o descreve o texto, e semelhante ao dos falcões quando caçam perdizes.

(6) Personagens importantes
De humor e em postura varia.

É escusado advertir que o que segue é apenas um bosquejo de caracter : com tudo sempre o repetirei, para que alguem não ponha a carapuça e se offenda. Muito estimarei que ella seja julgada bem talhada em geral; mas pesar teria si se pensasse que era destinada a algum individuo em particular.

(7) João Carlos Augusto Oyenhausen

Allude ás questões intestinas que nessa época agitavam a provincia.

(8) E Ponces de Leon que altivos
Co' um ducado não se ufanam.

Pelos fins do seculo XV ou principio do XVI, Ponce de Leon, marquez de Cadix, foi elevado pelos reis catholicos á categoria de duque; mas não querendo abandonar o titulo que levava quando obrara suas façanhas contra os mouros, continuou chamando-se *marquez-duque* de Cadix. O appellido é conhecido em São Paulo.

(9) Dionisio da Costa

Esta allusão, assim como as que seguem, é historica. Guarantinguetá foi fundada em 1651.

(10) Amador Bueno.

Em 1641.

(11) Paes de Araujo.

Em 1672.

(12) Affonso de Maffra.

Em 1674.

(13) Esse que achou o ouro preto
E entrou na fatal batalha.

Varias minas de ouro combinado com prata e de escura côr, fôram descobertas, onde existe hoje a capital de Minas, por Tnomé Lopes de Camargo, Antonio Dias e Francisco Bueno da Silva, em 1699, 1700 e 1701.

Camargo em 1711 travou com os emboabas do Rio de Janeiro a famosa batalha em que foi derrotado, e que deo nome ao rio das Mortes.

(14) La Guáira

A cidade Real de La Guáira foi destruida pelos Paulistas em 1631; Xerez em 1719; o forte de San José em 1801.

(15) Basofias

Muito sentiria que se pensasse que esta caricatura é parto de um sentimento hostil para com a gente paulista de quem descendo e que eu muito admiro. Foi da bôca de um illuste paulista que eu primeiro ouvi a menção desse fraco do caracter dos seus comprovincianos. E si não ha duvida de que é um fraco, tambem é certo que é um fraco que produz acções nobres e comportamento commedido; pois é preciso que exista dobrada dose de depravação, para que não contenha o receio de deslustrar aos antepassados de quem se blasona. Eu ainda não vi uma só pessôa que possuisse o mais pequeno torrão em que plantar uma arvore geneologica, desprezar esse fraco.

Só almas pequenas poderão ser hostís para com os valentes e atrevidos descobridores do Rio Grande, Minas, Mato Grosso, Goyaz e Piauhy, cuja audacia penetrou até o pé dos Andes. Eu traço estas linhas nas margens do Pacifico onde ainda hoje se pronuncia com envejosa admiração o nome dos emprehendedores *Paulinos*.

(16) Emblemas entrelaçados

Durante a ausencia do Principe D. Pedro em São Paulo, o governo no Rio de Janeiro era presidido pela Princeza D. Leopoldina de Austria.

(17) Independencia ou Morte!

Os detalhes deste quadro, pelo que respeita ao logar onde, e á maneira por que, foi declarada a independencia do Brasil, são de pura phantasia. Aos que ouviram aquelle memoravel Grito cumpre dizer si fiquei perto ou longe da exactidão. Na minha posição não posso fazer mais do que respeitar *as principaes* feições da historia; nem o Romance historico é obrigado a mais.

(18) Manoa

A famosa cidade de Manoa del Dorado, cujas casas eram cobertas de ouro, suppunha-se que existia, segundo uns, sobre o Oyapock, mas mais geralmente sobre as margens do lago Parma, ou mar Branco, que se cria ser o manancial commum dos rios Branco e Essequibo.

Hoje a existencia dessa cidade é já considerada como uma fabula; mas ha pouco mais de cem annos que armavam-se expedições e gastava-se muito cabedal para descobril-a.

Em 1541 o capitão Hernan Perez de Quevedo partio do Novo Reino de Granada com 170 Hespanhóes para conquistar o país del Dorado; e depois de, com incriveis difficuldades, atravessar mais de duzentas legoas de areaes, matos e pantanos, regressou com perda de oitenta dos seus companheiros.

Em 1543 Felippe de Urre, Allemão, partio de Venezuela com o mesmo fim, e sem melhor successo.

Em 1549 o capitão D. Pedro de Ursua sahio com semelhante objecto de Tunja; nada encontrou; e abandonou a sua empresa, contentando-se com lançar os fundamentos da cidade de Pamplona.

Em 1560 o mesmo Ursua, á instigação do vice-rei do Perú D. André Hurtado de Mendoza, renovou a sua tentativa, partio do Cuzco com quatrocentos Hespanhóes bem equipados. e desceo o Amazonas. Mas havendo-se amotinado a sua gente, encabeçada por um Lope de Aguirre, foi assassinado em quanto dormia.

O Ingles sir Walter Raleigh, o mesmo que Walter Scott in-

troduz em Kenilworth como *o cavalheiro da capa enlameada*, attrahido pela fama do El Dorado, tambem, em 1595, partio de Plymouth com numerosa armada, para conquistal-o; e repetio em 1596 e 1597 as suas tentativas, sempre sem fructo.

Finalmente em 1741 o cirurgião hollandes Hortsman subio em busca do lago Parima e cidade de Manoa del Dorado pelo Essequibo; e sem cousa alguma encontrar do que buscava, desceo pelo rio Branco e dalli passou ao Pará.

(19) E em sympathia Bolivar
Applaude a gloriosa nova.

Não ha duvida de que o grande Bolivar, comprehendendo bem o quanto eram naturaes os vinculos de sympathia entre o novo Imperio do Brasil e as colonias hespanholas por elle libertadas, acolheo com enthusiasmo a declaração da nossa independencia. No Congresso amphictyonico que sob os seus auspicios devia reunir-se em Panamá, desejou elle que tivesse assento um plenipotenciario brasileiro, e com o fim de estreitar ao relações de amizade entre o Brasil e Columbia, mandou ao Rio du Janeiro uma missão que foi confiada ao Sur Palacios.

O PATRIARCHA DA INDEPENDENCIA

O PATRIARCHA DA INDEPENDENCIA

Dedicado á Exma. Snra.

D. MARIA FLORA DE ANDRADA.

ROMANCE PRIMEIRO

SIC VOS NON VOBIS

Existe um lago formoso,
Que abrigando cem raudaes
Para encanto dos mortaes
Nicthero guarda orgulhoso.

Os dous pilares fronteiros,
Que a entrada altivos lhe bordam,
Do grande Alcides recordam
Os trabalhos derradeiros.

Nicthero alli descançando (1),
Seu collossal corpo estende,

E o céo com seu rosto fende,
As tormentas regulando.

Deste lago á borda está,
De erguidas torres coroada,
A cidade aventurada,
Que o ser deve á Mem de Sá.

E em seu fundo as serras vêm-se
Que erguem picos eriçados,
Quaes os tubos afamados
Do sacro instrumento haarlense (2)

Entre ellas c'o dedo aponta (3)
Mão gigante para o ceo,
Qual a que outr'ora escreveo
Do rei babilono a affronta (4).

Essa mão solemne, irada,
Com ademan mysterioso
Lembra ao homem orgulhoso
Que da terra espere nada!

Ilhas mil, de Amor afago,
Inspirando paz, descanso,
Brotam do regaço manso
Deste fresco e ameno lago.

A qualquer dellas pudera
Dos Lusos o vate amado
Ter por modelo tomado
Para a ilha de Cithera;

Mas todas vence em primores,
Mais que todas se ergue airosa,
A Paquetá primorosa,
Morada de mil amores.

Vêm-se alli veredas mil
De limeiras intrincadas;
Tem as auras impregnadas
Sua fragrancia subtil;

Alli do araçá sab'roso
Vida abunda ao pé copado;
O maracujá sagrado
Alli se enreda gostoso.

Tu, protectora mangueira
Alli soberba te ostentas,
E com tua copa alentas
A' cansada ave rasteira;

Não teme o sol indignado
Quem tua sombra protege,
Embora os raios dardeje
Do Capricornio abrasado.

Existe desta ilha á ourela
Em uma placida enseada,
De airoso vergel cercada,
Uma pousada singela.

Sua varanda os alinhos
Despreza da architectura,
E ostenta sòmente a alvura
Dos seus pilares mesquinhos;

Assim como a natureza
Muita alma candida gera,
Simples, modesta, sincera,
E em que só brilha a pureza.

No recinto retirado
Deste aposento invejavel

Stava um velho veneravel
De coração resignado.

Sua nivea, arqueada testa,
Serena, qual primavera,
Mesmo assim domina, impera,
Ser séde do genio attesta;

O seu olho azul clemente
Inspira affecto e respeito;
Retrata a paz do seu peito
O seu rosto transparente.

Duas brandas, alvejantes
Madeixas soltas lhe ondêam
Sobre os hombros, e encadêam
As almas mais arrogantes.

Sentado em silencio estava
Junto de mesa despida,
E da Narcisa querida
A voz divina escutava;

Narcisa, filha fagueira,
Assidua, meiga, incansavel,
Do velho pae veneravel
Consolação postrimeira!

De Ben-Abad prisioneiro (5)
Zaida assim seccava o pranto,
De seus versos com o encanto
Mitigando o captiveiro!

E resignado findou
O resto da lassa vida
Quem á patria tam querida
Toda a vida consagrou!

JOSÉ BONIFACIO DE ANDRADA E SILVA.

Exaltou-a; entre as nações (6)
Soberbas do mundo a erguêo;
Foi seu archote; e colhêo
Só fructo de ingratidões!

Assim succos nectarinos (7)
Vós, abelhas, recolheis,
E formaes os doces meis,
Presa de zangãos ferinos.

Assim tu vello macio
Geras, cordeiro pacato,
Que é de outros corpos ornato,
Protege de outros o frio.

Assim vossos leves ninhos
Ligeiras aves armais,
Em que ternas abrigais
Vossos ingratos filhinhos.

Assim vós, pesados bois,
Sulcais fundas sementeiras;
Mas quem enche as vastas eiras
Certamente vós não sois.

ROMANCE SEGUNDO

O ALBUM [8]

Nossos paes, chãos e sinceros,
Só em seus peitos guardavam
De amor e amizade votos
Memorias ternas e gratas;
E seus peitos, fieis e prontos,
Em letra indelevel, clara,
Sempre gratos, sempre ternos,
Lh'as conservavam gravadas.
Nós porêm que de cultura
Nos prezamos mais limada,
Por cautela em nossos peitos
Não pômos tanta confiança;
E em seu logar inventámos
Volume profuso em galas,
Que nossos votos recorde
E guarde memorias gratas.

A este volume precioso
Cobre elaborada pasta
Em que letras de ouro dizem
Que *Album* seus donos o chamam.
Tem soberbo frontespicio
Que adornam silvas variadas,
E folhas de sendas côres
Quaes os peitos que retratam.

—

Neste volume se archivam
Fragmentos da sciencia gaya,
Que affectos mais vivos pintam
Ou brilham por sua graça.
Neste volume selectos
Primores d'arte se estampam,
De mordaz caricatura
Ou pintura delicada.
Aqui furtivos amantes
Com mil astucias disfarçam
As mais ternas sympathias
Em que seus peitos se abrasam.
Nelle em fim se depositam
Effusões de gratas almas,
Padrões de saudade meiga,
Votos de lisonja falsa.

—

Na Paquetá primorosa
Onde tristes mas sem tacha
Passam-se os fugazes dias
Do illustre e immortal Andrada,
Acha-se tranquillo um dia
O sublime Patriarcha,

Quando inquietar-lhe um amigo
Vem sua quieta morada :
  Era um daquelles teimosos
Que o revez não acobarda,
Que sempre affecto e respeito
Constante lhe tributara.
  Um *Album* leva comsigo,
Qual aqui descrito se acha,
P'ra que o velho nelle insira
Do seu punho uma lembrança.
  « Que lembrança traçar póde
« Esta minha mão cansada,
« A não ser *sic vos non vobis?* »
Taes fôram suas palavras!
  Mas não o fez; pois seu brio,
E o amor de ti, Patria cara,
Ao nobre punho o dar vulto
A tal verdade vedaram.
  Um ligeiro desafôgo
Foi toda sua vingança;
Mais do que isso fôra indigno
D'alma tam nobre e preclara.

ROMANCE TERCEIRO

O FUNERAL (9)

Eu vejo Nicthero de lucto coberto
Eu vejo o mar quieto, e o zephiro mudo!
A grande cidade parece um deserto,
Nas margens do lago concentra-se tudo!
Nos muros altivos, do Franco feitura,
Em tempo marcado a bombarda arrebenta,
Quaes tristes gemidos com que a amargura
Do velho Nicthero no peito se ostenta!
Eu vejo cem barcas com remos pausados,
Cobertas de lucto, a lagôa sulcando,
Quaes veem-se na Australia de cysnes pesados
As negras fileiras em ordem nadando.
Entre ellas ávante de todas vê-se uma
De mestros accordes as auras enchendo,
Que são compassados co'o ferver da espuma
E o gemer dos remos com pausa batendo.

Galeota imperial que após todas avança,
De negro velludo traz eça pesada,
E em triste ataúde sobre a eça descansa
Tudo o que á terra pertence de Andrada.
Inda hontem domava mil almas curvadas,
Brilhava entre genios, igualava aos numes;
É hoje um montão só de cinzas geladas,
Sustidas com custo por finos perfumes!
A argentea madeixa já nada encadêa;
O baço olho azul a si já nada attrahe!
No mundo do tempo cruel tudo é prêa;
Perece assim tudo; tudo assim decahe!
Mas a alma sublime que animava Andrada,
Alma sempre intenta da patria na gloria,
Terá em nossos peitos eterna morada,
Viverá p'ra sempre na nossa memoria;
Sem que o tempo possa jámais consumil-a,
Sem que a dura lousa com seu peso a esmague,
Sem que o frio gêlo da campa tranquilla
Dos nossos affectos os fógos apague.

—

Nos fortes castellos que Nicthero guarda,
A altiva trincheira relampeja e fuma,
E estouram a um tempo as vozes da bombarda,
Que ha pouco se ouviam só uma por uma.
E do Guanabara nos muros limosos
A barca funerea por fim deposita
Do Andrada immortal os despojos preciosos
Em que um pôvo inteiro tristes olhos fita.
E quando (ó portento!) da barca descia
O esquife sagrado á apinhoada praça,
A lua que em lucto seu rosto cobria,
Rompe as negras nuvens e o feretro abraça! (10)

E o feretro passa ante o nobre aposento
Donde a Augusta Prole de reis poderosos
Do amigo contempla o triste sahimento
Com peitos sentidos, com olhos chorosos.
De accesos brandões uma dupla ala traça
Do sequito funebre a vereda angusta;
É mais tudo um mar de cabeças que a praça
Inunda, e murmura, e ameaça e assusta.
Um templo elegante, profuso em lavores
Recebe em seu seio o feretro sagrado;
Mas hoje se occultam seus ricos primores
Nos negros tapizes que teem-no enluctado.
As funebres tochas que brilham aos centos
E tudo abrasar em seu lume parecem,
Só deixam ver rostos de dor macilentos,
Só ólhos que amargas lagrimas aquecem.
De balsamos finos são urnas fechadas
As almas dos homens que igualam aos Numes;
Urnas que sómente depois de quebradas
Derramam na terra seus ricos perfumes!
Da Virgem do Carmo no templo sumptuoso
Tristes catacumbas em um claustro erguidas,
Recebem as cinzas do heróe generoso,
Por finos perfumes com custo sustidas;
E os Anjos as guardam, sollicitos, mestos,
Até que, sulcando o procelloso pégo,
Do velho Patriarcha os acatados restos
Em terra paulista vão buscar socego (11).

ROMANCE QUARTO

TRIBUTO FILIAL

Nas solemnes catacumbas
Onde o velho patriota
Descansou, tambem eu tenho
Sagrada e terna memoria;
Nem meu peito agradecido
Traçar estas linhas ousa,
Sem que uma lagrima amarga
Nesse recinto eu deponha.
Em duas funebres urnas
Nessa morada luctuosa
Cinzas de um irmão me aguardam
E de uma mãe extremosa.
'Aquelle, na flôr dos annos,
Da parca a fatal tesoura

(Sem lhe valer raro engenho)
O fio da vida corta;
  Esta, em lagrimas fundida,
Tamanha dôr não supporta;
E o filho amado seguindo,
Ao ceo a abraçal-o vôa!

NOTAS

---

(1) Nicthero alli descansando.

O Genio da bahia de *Nictheroy*.

As montanhas que servem de fundo ao magnifico quadro da capital do Brasil, apresentam o perfil de um immenso gigante deitado, cujo nariz é o cume do Corcovado, e a ponta do pé o Pão de Açucar, um dos pilares da barra. O Corcovado serve de excellente barometro aos habitantes do Rio.

(2) Do sacro instrumento haarlense.

Um dos orgãos mais celebres do mundo existe em Haarlem, cidade da Hollanda.

(3) Entre ellas co'o dedo aponta.

Um dos picos da serra dos orgãos, visto de varios pontos da bahia, e mesmo da cidade, mostra o perfil de uma mão fechada, qual descreve o texto; com o indice perpendicularmente estendido, apontando ao ceo.

(4) Do rei babilono a afronta.

Balthazar. Veja-se o Livro das Prophecias de Daniel, capitulo 5°.

(5) De Ben-Abad prisioneiro.

Mahomed Ben-Abad, rei de Sevilha, sendo vencido por Jouseph Almoravide, rei de Marrocos, e levado a Africa captivo (A. D. 1091) consolava-se ouvindo os versos que sua filha Záida, dotada de estro poetico, lhe compunha e recitava.

(6) .... entre as nações, etc.

Com pagar este tributo á memoria de José Bonifacio, eu quero dar o que é de Cesar a Cesar. Só o espirito de partido poderá negar a parte que elle e seus illustres irmãos tiveram na independencia do Brasil; sem que por isso se deixe de reconhecer *como principal* a que pertence ao senhor D. Pedro I. Sem negar que os esforços do ministro seriam infructuosos a não ser pela heroica dedicação do Principe que preferio a gloria de uma nova fundação ao gôzo de uma monarchia antiga e prenhe de recordações, é igualmente certo que José Bonifacio foi o archote que o Imperador impunhou para alumiar-lhe a escura e intrincada vereda em que se metteo.

(7) Assim succos nectarinos

Sic vos non vobis mellificatis apes;
Sic vos non vobis vellera gertis oves;
Sic vos non vobis nidificatis aves;
Sic vos non vobis fertis aratra boves.

(8) O Album

O successo do *Album* recordado neste Romance teve logar no anno de 1834; e eu fiz esforços para reproduzir as palavras do illustre Andrada com a menor alteração possivel.

(9) O Funeral.

Os que tiverem presenciado o funeral de José Bonifacio, reconhecerão o quam fielmente procurei descrever aquella funebre pompa. Como porêm esse numero é limitado, devo explicar que o velho Andrada falleceo em S. Damingos, pequena povoação fronteira á cidade do Rio de Janeiro; dalli foi transportado na galeota imperial, com numeroso sequito de falúas, á rampa do largo do Paço, onde desembarcou; passou pela frente do paço imperial; o atravessando o largo, foi receber as honras funebres na igreja dos Terceiros do Carmo.

(10) A lua, etc.

Este poetico incidente, filho sem duvida do acaso, occorrêo literalmente como o descrevo no texto, e eu presenciei.

Um distincto poeta nosso, a cuja opinião dou o maior apreço, observou-me que no verso *de arte maior*, devia haver sempre cadencia na segunda syllaba. Sem impugnar a regra, creio com tudo que ella admitte excepções : os Castelhanos, que usam muito deste metro, ás vezes poem a cadencia na primeira ou na terceira syllaba, como no 5° verso dos seguintes de Zorrilla :

Gigante sombrio, baldon de Castilla,
Castillo sin torres, ni almenas, ni puente,
Por cuyos salones en vez de tu gente
Reptiles arrastran su piel amarilla,
Dí-me ¿ que se hicieron tus nobles señores,
Tus ricos tapices de sedas y flores? etc.

Si, por tanto, em escrever um ou outro destes versos com cadencia na 1° syllaba ha incorrecção, consola-me o ter por companheiro em tal falta a um genio tam distincto como Zorrilla.

(11) Em terra paulista váe buscar socego.

O cadaver de José Bonifacio conservou-se nas catacumbas do Carmo até que foi transportado a Santos onde foi depositado permanentemente.

POESIAS SOLTAS

SAUDADES DA PATRIA

LYRA

OFFERECIDA A MINHA IRMAN MARIA BARBARA (1)

The hills are dearest which our childish feet
Have climed the earliest; and the streams most sweet
Are ever those at which our young lips drank,
Stooped to their waters o'er the grassy bank.

WHITTIER.

Marilia, não creias
Que da patria ausente
Se encontra prazer :
Quem feliz quer ser,
Procura-o na patria sómente.

—

Eu vivo n'uma terra poderosa
Onde a gloria e o poder seu auge tocam,
Terra que as mais nações rivaes collocam
Em gloria a par de Roma tam famosa.

Mas sempre triste,
Sempre saudoso,
Do Corcovado
O cume sombroso
E magestoso,
Ante meus olhos
Creio avistar
Parece que ouço
O murmurar
Da cachoeira
Que se despenha
Por entre a brenha,
E vai no abysmo
Cahir ligeira.
N'outros momentos
Sembra-me a hora
Quando a monotona
Cigarra chora;
E o rouco grasno
Da ran que grita
E dos tambores
O rufo imita;
E os pirilampos,
Que voltejando,
E aqui e alli
Luz derramando,
Tornam as trevas
Serenas, bellas,
Cheias de vida
Qual céo d' estrellas

—

Outras vezes remontando
Ao alto do verde morro,

Junto da velha mangueira (2)
Pelo mar os olhos corro.
  Nas azuladas montanhas
Reflecte o sol descahindo,
E as brandas ondas luzindo,
Uma alva fita traçando,
Vão na praia se atirando
Com um longinguo murmurio.
  Parece-me ver na entrada
Onde está Nicthero idoso
Despejando a urna dourada,
Esse portal magestoso
Que com frente levantada
As nuvens stá desafiando;
  E fronteira, firme e queda,
A soberba bateria,
Da mesma terra em que eu vivo
Que a potencia desafia.
  Mil brancas, alegres quintas
Matizando a praia extensa,
Mil frageis baixeis sulcando
Aguas da bahia immensa,
  Soberbas naves entrando
De encontro a outras que partem,
Fazem com que os olhos fitos
Da scena nunca se fartem.
  Emfim, Marilia, não posso
Na rica scena pensar,
Sem com saudade outros tempos
(Bellos tempos!) recordar :
  As musquetas tão cheirosas,
As parreiras venerandas,
Os abacates, pinhões,
As flores varias, viçosas,

Revivem na mente brandas,
Felizes associações!...
  Lembro-me do tempo, quando,
No terreiro, á luz da lua,
Activos jogos faziam,
Marilia, a delicia tua;
Quando no sereno inverno
A santa fogueira ardia,
E a rija canna estallava (3),
E o semblante respirava
Só prazer, só alegria.
Nem é sem pezar que observo,
Junto da lage quebrada,
O logar onde não vejo
A larangeira enxertada.

—

  Mas basta; deixemos
A varanda idosa,
E vamos sentar-nos
Na relva, debaixo
Da acacia frondosa.
  Qual é o peito humano
Por mais que agitado,
Que não serene vendo
De flores cercado,
De toiça bordado,
O lago tranquillo? (4)
  E a nobre cascata,
E a ponte elegante,
E o manacá proteo,
E o bugarî fragrante?
  E a sombra aprazivel,
Tronco cavernoso,

O PAO GRANDE DAS LARANGEIRAS.

Imp. Bonacina de Milano

E a sombra apraxivel,
Tronco cavernoso,
E' cópa espraiada
Do Páo Grande idoso.

E copa espraiada
Do *Pao Grande* idoso? (5)
  E o zephiro ameno
Que brando murmura
Por entre a palmeira
E a triste datura?
  E da lavadeira,
Pairada nos ares,
O vôo sereno?
  E o porte soberbo,
E o ar magestoso,
Dos montes que o fundo
Guarnecem vistoso?
  Romancistas contam
Que jardins, pomares,
Palacios, existem,
No fundo dos mares;
  Que nelles reside
Bemfazeja fada,
E o prazer e os risos
Tem sempre a morada!
  Marilia, quem visse
A lympha serena
Que pinta ao reflexo
Tam magica scena,
  Não crêra impossiveis
Os jardins, pomares,
O riso, os prazeres,
No fundo dos mares.
  Marilia, não creias
Que da patria ausente
Se encontra prazer :
Quem feliz quer ser,
Procure-o na patria sómente.

A ORIGEM DO AMOR

(*Traducção de Byron*)

Porque me perguntas
A origem do Amor?
Porque tam amarga
Questão me propôr?
Não vés? não te indica
Tanta alma rendida,
Que é só *a teus olhos*
Que Amor deve a vida?
Ah! não me perguntes
Seu fim qual sera!
Que meu peito ancioso
Dizendo-me está,
Que elle ha-de amarguras
Callado soffrer;
Mas ha de acabar
Só quando eu morrer (5).

RECORDAÇÃO

IMPROVISADA PARA O ALBUM DE UMA SENHORA QUE ACABAVA DE PERDER UMA FILHA DE TODOS ESTIMADA POR SEU CARACTER ANGELICAL E POR SEU TALENTO COMO CANTORA.

Lá na morada divina
Para o hosanna cantar,
E por nós a Deus rogar,
Fazia falta Paulina!

SONETO

A NERO

Do Inferno os Monstros todos se juntaram
A um Monstro produzir, digno do Inferno :
Seja Monstro tam vil e atroz que eterno
Horror cause aos mortaes ; todos juraram ;
E n' um craneo giganteo misturaram,
Arrancadas do abysmo mais interno,
Drogas que envenenavam mesmo o Averno,
E do FUROR as chamas lhe applicaram.
A mistura se agita, aquece, ferve,
Burbulha, gira e trasbordando turge;
Monstro não ha que sem horror a observe !
Vem SOBERBA atiçar; PERFIDIA urge;
Risonha e esperançosa a MORTE serve;
O craneo estalla e estoura; e NERO surge !

A MARILIA

CANTATA

A 29 DE JUNHO DE 1835, DIA DE SEUS ANNOS

Ao raiar da manhan, clara e serena,
Eu verdes campos de Albion corria,
E cheia de vigor, risonha via
A primula, o jasmim, rosa e açucena.
O' dia de prazer! dia de flores!
Manhan do riso, aurora dos Amores!
O leve pintasilgo, voltejando
Nos altos ramos do álamo viçôso,
Festejava este dia venturoso,
Com o merlo sonoro concertando.
O' dia de prazer! ditoso dia!
Manhan do canto, aurora da alegria!
O sol com marcha lenta remontava,
Como quem de proposito alongar

Quer dia tam feliz ; e devagar
Os creadores raios espalhava.
O' dia de vigor! dia brilhante!
Do céo abrio-se a porta coruscante!
Que noite tam serena e socegada
Vem croar este dia de ventura!
Como tremúla Phebe, clara e pura,
De brilhantes estrellas rodeada!
Em vão vós procurais astros radiosos,
Imitar de Marilia olhos formosos!
Mas não é de admirar que a terra e o céo
Celebrem hoje tam feliz victoria :
P'ra gloria dos mortaes, de Amor p'ra gloria
Hoje o Brasil Marilia enriqueceo.
Não reine hoje entre nós mais que alegria :
Marilia hoje nasceo! ditoso dia!

O VIAJANTE DO RIO RÔXO

(*Traducção de Whiltier*)

O rio desliza os extensos anneis (7)
Da rôxa cadêa com voltas tortuosas,
De adustos pinhaes retalhando plantios,
E leguas regando de pampas ventosas.
A trechos sómente grinaldas de fumo
Se elevam ás nuvens em spiral subida,
A choça indicando do fero Assinibo,
Ou do audaz monteiro a mesquinha guarida.
Das regiões distantes do gêlo e da neve
Desabrido o vento do norte assobia,
Dos olhos attentos a vista offuscando,
E aos braços que remam roubando a energia;
E co' um pé pendente sobre as ondas turvas
E outro pé na margem do rio, terrivel
O Archanjo das sombras se avista, annunciando
Do dia que esconde-se o termo infallivel.
Que escuto? Esse ruido que o ouvido me fere
E o vento do norte faz soar como um sino,

Acaso o grasnido será de algum ganso?
Ou de indio selvagem o grito malino?
Bem sabe o viajante que esse som propicio
Que agita e dá vida a sitios solitarios
E ao peito lhe inspira esperança e conforto,
De São Bonifacio vem dos campanarios.
Bem sabe que indica da Missão Romana
O sino piedoso que ao pobre barqueiro
Que no rio esforça-se, mostra o caminho,
E mostra o caminho ao perdido monteiro.
Assim nós na nossa jornada do mundo
Os ventos gelados do norte encontramos,
E no Rio Roxo da vida, servindo
Nossos corações de remos, navegamos.
E quando, das sombras o Archanjo, estendendo
Um pé sobre as ondas outro na ribeira,
A luz offuscada nos olhos sentirmos,
E nos corações que remam, a canseira,
Feliz será aquelle cujo ouvido escute
O som que a prisão do mundo lhe abrirá,
E os sinos da Santa Cidade, e os repiques
Do Eterno Repouso que esperando-o está.

Bordo do vapor *Navarre*,
a 5 de julho de 1864.

O CONTO DO SICILIANO

(*Traducção de Longfellow*)

ROBERTO DE SICILIA (8)

I

Roberto, rei de Sicilia,
Que era irmão de Urbano, o Papa,
E do potente Valmundo,
Imperador de Allemanha,
Rodeado de altiva côrte
E trajando ricas galas,
A vesperas assistia
De São João na noite sacra,
E ouvia o canto dos padres
Que o *Magnificat* cantavam;
E notando varias vezes
De certo estribilho a entoada,
Que diz: « *Potentes deponit*
De sede, humiles exaltat; »

Com dignidade indolente
A regia frente levanta,
  E pergunta a um erudito
Clerigo que perto estava
Qual era o significado
Das palavras repisadas.
  'A regia pergunta o clerigo
Dando resposta adequada,
Traduz : « Humilha os soberbos,
E aos humilhados exalta. »
  El rei então entre dentes
E com desdêm assim falla :
« Inda bem que só na igreja
Tam sediciosas palavras
Se proferem, e em latim
Somente os padres as cantam;
  Pois é bom que pôvo e padres
Para seu proprio bem saibam
Que a derribar-me do throno
De ninguem a força alcança. »
  E abrindo a bôca, se encosta
No seu sitial sobre a espalda,
E embalado pelo canto
Monotono, o somno abraça.

II

  Quando acordou, era noite
E escura estava e deserta
A igreja, e uma triste lampada
Alumiava o altar apenas.
  El rei Roberto, saltando
Do sitial em que se assenta,
Pasmado olha em roda, e nada
Ouvir póde e nada enxerga.

'As apalpadelas corre
'A porta, e fechada a observa;
Grita; escuta; bate; exhala
Queixas, ameaças, blasphemias;
E imprecando homens e santos;
Os echos vibram na igreja,
Como si um côro de espectros
Do rei, rindo, escarnecêra.
Por fim gritos e pancadas
Ouve o sacristão que espreita
Fóra da porta, e no templo
Meio assustado penetra.
Correndo á igreja, ajudado
Da luz da sua lanterna,
Crê serem ladrões, e exclama,
« Quem vai lá? » Com voz severa.
Então em raiva afogado
Frenetico vocifera
El rei Roberto: « Abre prestes;
Sou eu — el rei — que te aterra? »
O sacristão murmurando
Deste modo então se expressa:
« Isso é por certo algum ébrio,
Vagabundo, ou quer que seja. »
E ao abrir ambas batentes
Dando volta á chave immensa,
Eis que um vulto de um só púlo
O alcança, passa e atrás deixa.
Era um homem enraivado
Que quasi nú, com cabeça
Sem chapeo, hombros sem capa,
Se retira a solta redea,
E sem voltar, sem olhal-o,
Sem fallar-lhe, se arremessa

Sobre a escuridão da noite,
E qual espectro se arreda.

III

Roberto, rei de Sicilia,
Que era irmão do Papa Urbano,
E de Valmundo, o potente
Imperador dos Germanos,
Privado de suas galas,
Seus cabellos no ar fluctuando.
Coberto de poeira e lodo,
E sem folgo de cansado,
Ardendo em raiva e despeito
Por tam ultrajantes tratos,
Corre avante e em furia malha
No portão do seu palacio.
Entra; transpõe, atravessa
Saguão, galerías, páteos;
E derriba a um lado e outro
Quantos encontra em seu passo:
E a escadaria espaçosa
Remontando a passos largos,
Reflectindo a face esqualida
A luz dos archotes claros,
De sala em sala penetra
Com andar precipitado,
Vozes e gritos ouvindo,
Sem de nada fazer caso;
Até que em fim chega á sala
Onde um gran banquete é dado,
Onde a luz cega, e exquisitos
Perfumes enchem o espaço.

IV

Alli sob o docel regio
Sentado outro rei se via
Que seus vestidos trajava
E sua crôa e annel tinha;
Mas as feições, forma e altura
As do rei Roberto imitam,
Sómente tranfiguradas
Por certa expressão divina!
Era um Anjo, cujo rosto
De resplendor o ar enchia;
Mas nem-um dos que alli estavam
O Anjo occulto descobrira.
Um momento ficou mudo,
Quedo, assombrado e sem vida,
O pobre rei desthronado
Quando no Anjo pôs a vista;
E este, compassivo e ameno,
'A expressão de assombro e de ira
Oppõe-lhe um semblante placido.
E diz: « Quem-es? A que aspiras? »
Ao que o rei Roberto, ardendo
Em despeito e raiva altiva,
Responde: « Quem sou bem sabes,
Impostor, que assim me instigas.
El rei sou; reclamar venho
O meu throno e a crôa minha
De quem audaz usurpal-a
Pretende com tal perfidia. »
Escutando estas palavras
Os que ao banquete assistiam,
Irados se levantaram
E as durindanas brandiram;

E o Anjo placido e sereno,
Replicou : « Não ; tu deliras ;
Não es el rei como pensas
Mas seu buffão ; deste dia
« Em diante será teu traje
O barrete de campainhas,
E terás por conselheiro
Mono que sempre te siga.
« Quando meus trinchantes chamem,
Obedecerás á risca ;
E no saguão de meus paços
Mando que a meus servos sirvas. »

V

Surdos ás preces e ameaças
E gritos do rei Roberto,
Da grande sala o arrojaram
A impurrões seus proprios servos ;
E vendo escarninhos pagens
Abrir-lhe as portas correndo,
Elle esmoreceo, e ouvindo
As risadas dos archeiros,
E o tumulto e algazarra
Com que, por mofa e motejo,
Ao vel-o passar gritavam,
Viva el rei por muito tempo.

VI

El rei Roberto acordando
Ao raiar da fresca aurora,
Crê lá consigo que é sonho
O que lhe narra a memoria ;

Mas ao mover a cabeça
Vê que um sonho tal não fôra,
Pois ouve a bulha da palha
Em que seus membros repousam ;
E ao lado da pobre cama
Vê de cascaveis a gorra,
E núas, descoloridas,
Tristes paredes em roda.
Uma estribaria existe
Junto a sua triste alcôva,
Onde el rei ouve cavallos
Pateando nas mangedouras;
E lá n' um canto escondido
Um mono de hedionda forma,
Que com gestos e mexidos
A vista offende e revolta.
De não ser por tanto um sonho
Tem el rei bem claras provas;
Vê que o mundo que tanto ama
Seu contacto em pó transforma.

VII

Passaram dias e meses
E á venturosa Sicilia
Outra vez a idade de ouro
Do Anjo o reinado trazia.
Ornada a terra ditosa
De ricas cearas e vinhas,
Encelado estava immovel
Nas entranhas da artente ilha;
E entretanto el rei Roberto
A seu destino cedia,
De buffão trajando triste
Os trajes e as campainhas;

E, qual de um louco, vagava
Sua incerta e offusca vista,
E, qual tonsura de frade,
Rapada a cabeça tinha.
Escarneciam-no os pagens;
Os cortesãos delle riam;
E o seu macaco somente
Lhe mostrava sympathia.
Seu sustento se compunha
Dos sobejos da cozinha;
Mas elle, indomito, a frente
Conservava sempre altiva;
E quando o bom Anjo, vendo-o,
Palavras lhe dirigia
Umas vezes em tom serio
Outras em tom de quem brinca,
Que insinuavam haver aço
Dentro da rica bainha
De velludo, e perguntava
Si elle el rei Roberto era ainda;
Então de seu peito a raiva
Trasbordava, a frente erguia
E " sim-sou el rei eu mesmo "
Respondia aceso em ira.

VIII

Eram passados tres annos
Quando pomposa embaixada
Veio a Sicilia da parte
Do Imperador de Allemanha,
A informar a el rei Roberto
Que o Papa Urbano por carta
Citava os irmãos a Roma
Para Quinta Feira santa.

O Anjo com grande alegria
E festejos agasalha
Aos nobres Embaixadores
E dons preciosos lhes manda,
— Mantos de arminho e velludo,
E vestes de ouro brocadas,
E anneis de valor subido,
E joias ricas e raras.
Com elles o Anjo então parte
De Italia á terra abençoada,
Que mais resplandece á vista
Da cavalgada preclara,
— Brilhante de brancas plumas,
De rico lavor nas capas,
De primorosos arnezes,
De gemmas, de esporas aureas.

IX

Entre os servos que a seguiam
Sobre um rapado sendeiro
E de rabos de rapoza
Com capa que agita o vento,
Com porte desengonçado
E um macaco feio e horrendo
Empoleirado nos hombros,
Cavalgava el rei Roberto;
E de quantos o avistavam
Em um posto tam abjecto
Nas aldêas que transpunham,
Fazia o divertimento.

X

Com pompa o Papa os recebe

E embandeirados clarins,
Na gran praça de São Pedro
Onde os abraça e bendiz;
  E quando com regozijos,
Festas e orações sem fim,
Saudava ao Anjo, ignorando
Quem tinha diante de si,
  Roberto, o buffão, se arroja
Com passo agil e subtil
Por entre o pôvo, e em presença
Do Papa em voz alta diz:
  " Eu sou el rei; não conheces
Vosso irmão Roberto em mim?
Não vês nesse que me imita
Um impostor falso e vil?
  Não vos falla a voz do sangue?
E as memorias infantis
Qual de nós diga a verdade
Não vos fazem descobrir? "

XI

  O Papa do Anjo contempla
Em torvo silencio a face,
Mas vê que nella só brilha
Serena tranquillidade.
  O Imperador diz surrindo:
" É capricho estravagante
Que em tua côrte mantenhas
Por buffão um tal orates. "
  E o pobre bôbo em desgraça
Só recebe mofa e ultrage,
E outra vez entra na chusma
De impurrões ao brusco embate.

RESSURREIÇÃO DE RAFHAEL

E como claramente o ruido
Do manto do Salvador
Que o silencioso ar varria
E ao seo subia velos.

XII

Passou-se a Semana Santa
Com seu sòlemne esplendor,
E do domingo de Pascoa
A clara aurora raiou;
E a presença do bom Anjo
(Quem o visse não faltou)
Encheo de luz a cidade
Antes que nascesse o sol;
E ao ver que Christo de veras
Surgira dos mortos, foi
Grande o fervor e alegria
Dos Christãos nos corações.
O proprio bôbo em seu leito
De palha e cheio de pó
O clarão miraculoso
Com grande espanto observou;
E sentio dentro em seu peito
Um influxo honesto e bom,
Qual jámais antes sentira;
E os joêlhos em terra pôs;
E ouvio claramente o ruido
Do manto do Salvador,
Que o silencioso ar varria
E aos ceos subia veloz!

XIII

E terminada a visita
Regressa outra vez Valmundo
Com seus pagens e homens d'armas
Para as margens do Danubio;

E o Anjo outra vez pisando
Da Italia o torrão fecundo,
E co' o brilho de seu sequito
De esplendor enchendo tudo,
E aclarando das cidades
Por onde passava, os muros,
Chega a Salerno e transpõe
Da Sicilia o mar profundo.
De novo sobre seu throno
Em Palermo ouve o sussurro
Dos canticos dos conventos
Que o ceo ligam com o mundo :
E acenando a el rei Roberto
Fal-o chegar de si junto,
E com um gesto despede
A seu sequito importuno.

XIV

E quando co' el rei Roberto
Achou-se o Anjo sósinho,
« Es tu el Rei? » perguntou-lhe
Com bondadoso surriso.
Mas elle, cruzando os braços
Sobre o peito e com contrito
Tom, responde : « Tu, senhor,
Melhor do que eu, sabes isso.
« Mui grandes são minhas culpas!
Ah! permitti que escondido
Em algum claustro, eu procure
Do perdão tornar-me digno,
« E que caminhe descalço
Pelo escabroso caminho
Que ao ceo conduz, té que purgue
Os meus peccados e vicios. »

Então o semblante do Anjo
Brilhou com celeste brilho,
E derramou luz serena
Por todo o espaço contiguo;
E se ouvio, alto e sonoro,
O cantar suave e divino
Dos monges que na capella
Deus louvavam, repetindo
Em voz que da gran cidade
Vencia o tumulto e ruido:
« Eu aos humildes exalto,
E aos arrogantes humilho. »
E outra amena melodia
Vibrava no meio do hymno,
Que dizia: « Eu sou um Anjo;
Tu es el rei; paz comtigo. »

XV

El rei Roberto que estava
De pé junto do seu throno,
Levantando os olhos, vio-se
Sósinho, com grande assombro;
Mas trajava os ricos trajes
Que trajara em tempos outros,
— Manto de arminho e brocados
De rica seda e fino ouro;
E ao entrar na grande sala
Sua côrte, nella achou-o
Prosternado sobre os joêlhos
E em fervente resa absorto (8).

3 de julho 1864
Bordo do vapor « Navarre. »

NOTAS

---

(1) Esta poesia foi escrita em Edimburgo em 1827, tendo o autor apenas 18 annos de idade.

(2) *Junto da velha mangueira.*

Descreve o texto escrupulosamente a magnifica vista de que se goza do alto do morro, onde estava a casa do pae do autor, o conselheiro José Antonio Lisbôa.

(3) Não perca de vista o leitor europeo que a fogueira de S. João, celebração popular e antiga no Brasil, em que era de rigor que se assassem batatas e cannas, com que depois se imitava, batendo com ellas no chão, o estoiro das bombas, tinha logar no dia 23 de junho, isto é, no nosso inverno.

(4) *O lago tranquillo*, etc.

Tudo é *d'après nature:* ainda ha no Rio de Janeiro muitos contemporaneos que se lembram do elegante lago artificial, da cascata, da ponte, da acacia e da datura, assim como do malfadado *Pão Grande*, victima do despotismo popular, que ornavam a chácara do Conselheiro Lisbôa, situada nas Larangeiras, ajardinada pelo jardineiro *Acard* que o fôra de *Malmaison*, e que era, em 1826, um dos mais lindos sitios dos arrabaldes da capital, hoje invadido pela prosaica civilisação.

(5) *O Páo Grande*

O Páo Grande era um venerando e secular jequitibá, um dos mais bellos ornatos da capital do Brasil, que, si se achasse na Europa, muito cabedal se gastaria para conserval-o. Existia, como muitos pódem recordar, *dentro* da propriedade do Conselheiro Lisbôa, mas de tal modo collocado que occupava o terreno necessario para dar á rua os 60 palmos da postura municipal. Uns taberneiros da vizinhança, daquelles que intentos só nas riquezas *portateis* das nossas minas, votam odio e destruição á nossa magnifica vegetação, declararam-lhe a guerra, e juraram por seus deuses (Pluto e Mercurio) que o haviam de queimar. O seu proprietario, homem respeitador da lei e generoso, offereceo o terreno para que se désse á rua a largura de 60 palmos e mesmo mais, ficando o Páo Grande no meio della, uma vez que lhe garantissem a conservação da arvore. Mas isso não satisfazia o despeito dos barbaros que com mais afinco insistiam no seu sacrilego intento, por saberem que assim mortificavam ao velho cidadão, nascido na freguezia, que ao país prestara relevantissimos serviços, mas que não pactava com as immoralidades da sua epocha. Armou-se em *dia impedido* um simulacro de autoridade no proprio local; decretou-se tumultuosamente a destruição do venerando gigante; e, a 30 de setembro de 1842, dia de santo André, o *jequitibá* das Larangeiras desappareceo em poucas horas aos golpes de machado de um grupo desenfreado que até não se pejou de *furtar* a lenha do seu tronco e ramas! Delle só resta hoje o nome de *Páo Grande*, dado a um sitio daquelle valle.

(6) O origial de *Byron* diz assim :

The origin of Love! — And why.
  That cruel question ask of me,
When thou may'st read in many an eye
  He starts to life on seeing thee?
And should'st thnu seek his *end* to know
  My heart forebodes, me fears foresee,
He will linger long in silent woe,
  But live ..... until I cease to be.

(7) *O Rio Roxo* de que trata esta poesia, é o do norte, que tendo sua origem nas contravertentes do Mississipi, corre

ı direcção septentrional para as possessões britannicas do ınadá.

O original de *Whittier* diz assim :

Out and in the river is winding
  The links of its long, red chain
Through belts of dusky pine-land
  And gusty leagues of plain.

Only, at times, a smoke-wreath
  With the drifting cloud-rack joins, —
The smoke of the hunting-lodges
  Of the wild Assiniboins!

Drearily blows the north wind
  From the land of ice and snow;
The eyes that look are weary,
  And heavy the hands that row.

And with one foot on the water,
  And one upon the shore,
The Angel of Shadow gives warning
  That day shall be no more.

Is it the clang of wild-geese?
  Is it the Indian's yell,
That lends to the voice of the north wind
  The tones of a far-off bell?

The voyageur smiles as he listens
  To the sound that grows apace;
Well he knows the vesper ringing
  Of the bells of St. Boniface.

The bells of the Roman Mission,
  That call from their turrets twain,
To the boatman on the river,
  To the hunter on the plain!

Even so in our mortal journey
  The bitter north winds blow,
And thus upon life's Red River
  Our hearts, as oarsmen, row.

And when the Angel of Shadow
  Rests his feet on wave and shore,
And our eyes grow dim with watching
  And our hearts faint at the oar,

Happy is he who heareth
  The signal of his release
In the bells of the Holy City,
  The chimes of eternal peace!

(8) O original de Longfellow diz assim :

Robert of Sicily, brother of Pope Urbane
And Valmond, Emperor of Allemaine,
Apparelled in magnificent attire,
With retinue of many a knight and squire,
On St. John's eve, at vespers, proudly sat
And heard the priests chant the Magnificat.
And as he listened, o'er and o'er again
Repeated, like a burden or refrain,
He caught the words, « *Deposuit potentes*
De sede exaltavit humiles; »
And slowly lifting up his kingly head
He to a learned clerk besiden him said,
« What mean these words? » The clerk made answer meet,
« He has put down the mighty from their seat,
And has exalted them of low degree. »
Thereat King Robert muttered scornfully,
« 'T is well that such seditious words are sung
Only by priests and in the Latin tongue;
For unto priests and people be it known,
There is no power can push me from my throne! »
And leaning back, he yawned and fell asleep,
Lulled by the chant monotonous and deep.

When he awoke, it was already night;
The church was empty, and there was no light,
Save where the lamps, that glimmered few and faint,
Lighted a little space before some saint.
He started from his seat and gazed around,
But saw no living thing and heard no sound.
He groped towards the door, but it was locked;
He cried aloud, and listened, and then knocked,
And uttered awful threatenings and complaints,
And imprecations upon men and saints.
The sounds re-echoed from the roof and walls
As if dead priests were laughing in their stalls!

At length the sexton, hearing from without
The tumult of the knocking and the shout,
And thinking thieves were in the house of prayer,
Came with his lantern, asking, « Who is there? »
Half choked with rage, King Robert fiercely said,
« Open: 't is I, the King! Art thou afraid? »
The frightened sexton, muttering, with a curse,
« This is some drunken vagabond, or worse! »
Turned the great key and flung the portal wide;
A man rushed by him at a single stride,
Haggard, half naked, without hat or cloak,
Who neither turned, nor looket at him, nor spoke,
But leaped into the blackness of the night,
And vanished like a spectre from his sight.

Robert of Sicily, brother of Pope Urbane
And Valmond, Emperor of Allemaine,
Despoiled of his magnificent attire,
Bare-headed, breathless, and besprent with mire,
With sense of wrong and outrage desperate,
Strode on and thundered at the palace gate;
Rushed through the court-yard, thrusting in his rage
To right and left each seneschal and page,
And hurried up the broad and sounding stair,
His white face ghastly in the torches' glare.
From hall to hall he passed with breathless speed;
Voices and cries he heard, but did not heed,
Until at last he reached the banquet-room,
Blazing with light, and breathing with perfume.

There on the dais sat another king,
Wearing his robes, his crown, his signet-ring,
King Robert's self in features, form, and height,
But all transfigured with angelic light!
It was an Angel; and his presence there
With a divine effulgence filled the air,
An exaltation, piercing the disguise,
Though none the hidden Angel recognize.

A moment speechless, motionless, amazed,
The throneless monarch on the Angel gazed,
Who met his looks of anger and surprise
With the divine compassion of his eyes;
Then said, « Who art tho? and why com'st thou here? »
To which King Robert answered, with a sneer,
« I am the King, and come to claim my own
From an impostor, who usurps my throne! »
And suddenly, at these audacious words,
Up sprang the angry guests, and drew their swords;
The Angel answered, with unruffled brow,
« Nay, not the King, but the King's Jester, thou
Henceforth shalt wear the bells and scalloped cape,
And for thy counsellor shalt lead an ape;
Thou shalt obey my servants when they call,
And wait upon my henchmen in the hall! »
Deaf to King Robert's threats and cries and prayers,
They thrust him from the hall and down the stairs;
A group of tittering pages ran before,
And as they opened wide the folding-door,
His heart failed, for he heard, with strange alarms,
The boisterous laughter of the men-at-arms,
And all the vaulted chamber roar and ring
With the mock plaudits of « Long live the King! »
Next morning, waking with the day's first beam,
He said within himself, « It was a dream! »
But the straw rustled as he turned his head,
There were the cap and bells beside his bed,

Around him rose the bare, discolored walls,
Close by, the steeds were champing in their stalls,
And in the corner, a revolting shape,
Shivering and chattering sat the wretched ape.
It was no dream; the world he loved so much
Had turned to dust and ashes at his touch!

Day came and went; and now returned again
To Sicily the old Saturnian reign;
Under the Angel's governance benign
The happy island danced with corn and wine,
And deep within the mountain's burning breast
Enceladus, the giant, was at rest.
Meanwhile King Robert yielded to his fate,
Sullen and silent and disconsolate.
Dressed in the motley garb that Jesters wear,
With looks bewildered and a vacant stare,
Close shaven above the ears, as monks are chorn,
By courtiers mocked, by pages laughed to scorn,
His only friend the ape, his only food
What others left, — he still was unsubdued.
And when the Angel met him on his way,
And half in earnest, half in jest, would say,
Sternly, though tenderly, that he might feel
The velvet scabbard held a sword of steel,
« Art thou the King? » the passion of his woe
Burst from him in resistless overflow,
And, lifting high his forehead, be would fling
The haughty answar back, « I am, I am the King! »

Almost three years were ended; when there came
Ambassadors of great repute and name
From Valmond, Emperor of Allemaine,
Unto King Robert, saying that Pope Urbane
By letter summoned them forthwith to come
On Holy Thursday to his city of Rome.
The Angel with great joy received his guests,
And gave them presents of embroidered vests,
And velvet mantles with rich ermine lined,
And rings and jewels of the rarest kind.
Then he departed with them o'er the sea
Into the lovely land of Italy,
Whose loveliness was more resplendent made
By the mere passing of that cavalcade,
With plumes, and cloaks, and houssings, and the stir
Of jewelled bridle and of golden spur.

And lo! among the menials, in mock state,
Upon a piebald steed, with shambling gait,
His cloak of fox-tails flapping in the wind,
The solemn ape demurely perched behind,
King Robert rode, making huge merriment
In all the country towns through which they went.

The Pope received them with great pomp, and blare
Of bannered trumpets, on Saint Peter's square,
Giving his benediction and ambrace,
Fervent, and full of apostolic grace.
While with congratulations and with prayers
He entertained the Angel unawares,
Robert, the Jester, bursting through the crowd,
Into their presence rushed, and cried aloud,
« I am the King! Look, and behol in me
Robert, your brother, King of Sicily!
This man, who wears my semblance to your eyes,
Is an impostor in a king's disguise.
Do you not know me? does no voice within
Answer my cry, and say we are akin?
The Pope in silence, but with troubled mien,
Gazed at the Angel's countenance serene;
The Emperor, laughing, said, « It is strange sport
To keep a madman for thy Fool at court! »
And the poor, baffled Jester in disgrace
Was hustled back among the populace.

In solemn state the Holy Week went by,
And Easter Sunday gleamed upon the sky;
The presence of the Angel, with its light,
Before the sun rose, made the city bright,
And with new fervor filled the hearts of men,
Who felt that Christ indeed had risen again.
Even the Jester, on his bed of straw,
With haggard eyes the unwonted splendor saw,
He felt within a power unfelt before,
And, kneeling humbly on his chamber floor,
He heard the rushing garments of the Lord
Sweep through the silent air, ascending heavenward.

And now the visit ending, and once more
Valmond returning to the Danube's shore,
Homeward the Angel journeyed, and again
The land was made resplendent with his train,
Flashing along the towns of Italy
Unto Salerno, and from there by sea.
And when once more within Palermo's wall,
And, seated on the throne in his great hall,
He heard the Angelus from convent towers,
As if the better world conversed with ours,
He beckoned to King Robert to draw nigher,
And with a gesture bade the rest retire;
And when they were alone, the Angel said,
« Art thou the King? » Then bowing down his head,
King Robert crossed both hands upon his breast,
And meekly answered him: « Thou knovest best!
My sins as scarlet are; let me go hence,
And in some cloister's school of penitence,

Across those stones, that pave the way to heaven,
Walk barefoot, till my guilty soul is shriven! »
The Angel smiled, and from his radiant face
A holy light illumined all the place,
And through the open window, loud and clear,
They heard the monks chant in the chapel near,
Above the stir and tumult of the street:
« He has put down the mighty from their seat,
And has exalted them of low degree! »
And through the chant a second melody
Rose like the throbbing of a single string:
« I am an Angel, and thou art the King! »

King Robert, who was standing near the throne
Lifted his eyes, and lo! he was alone!
But all apparelled as in days of old,
With ermined mantle and with cloth of gold;
And when his courtiers came, they found him there
Kneeling upon the floor, absorbed in silent prayer.

FIM

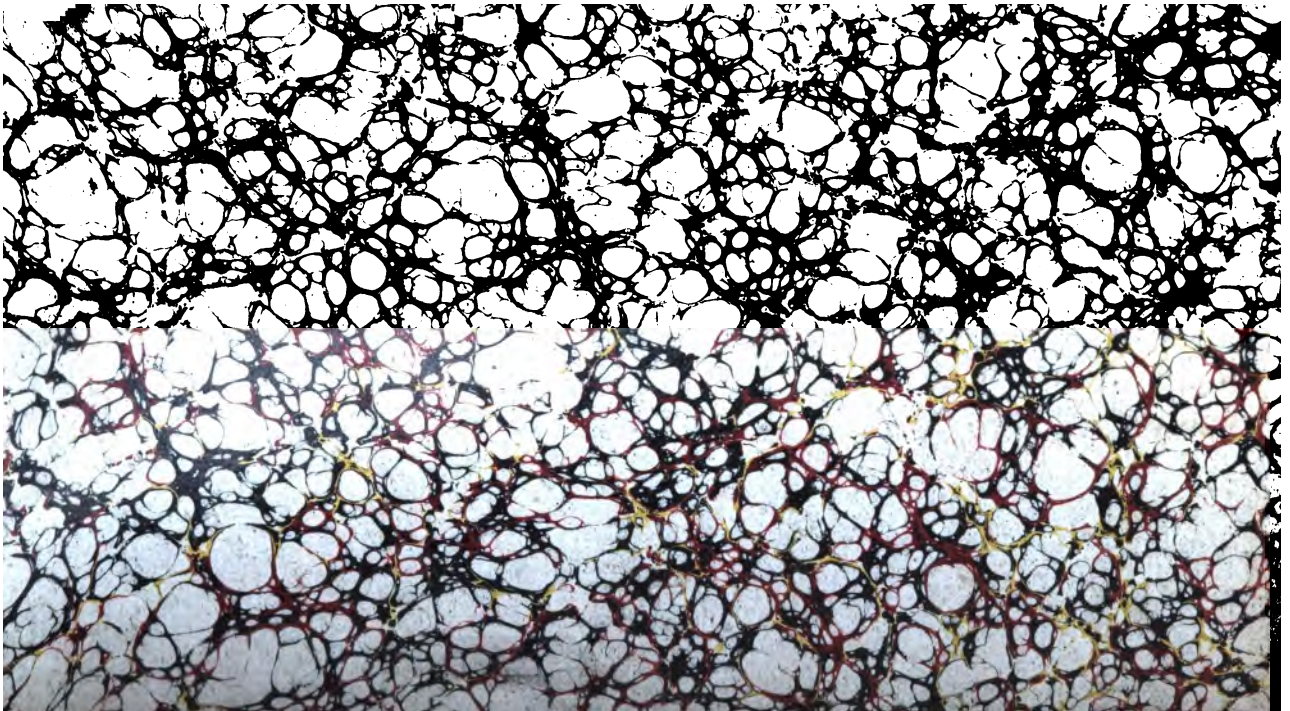
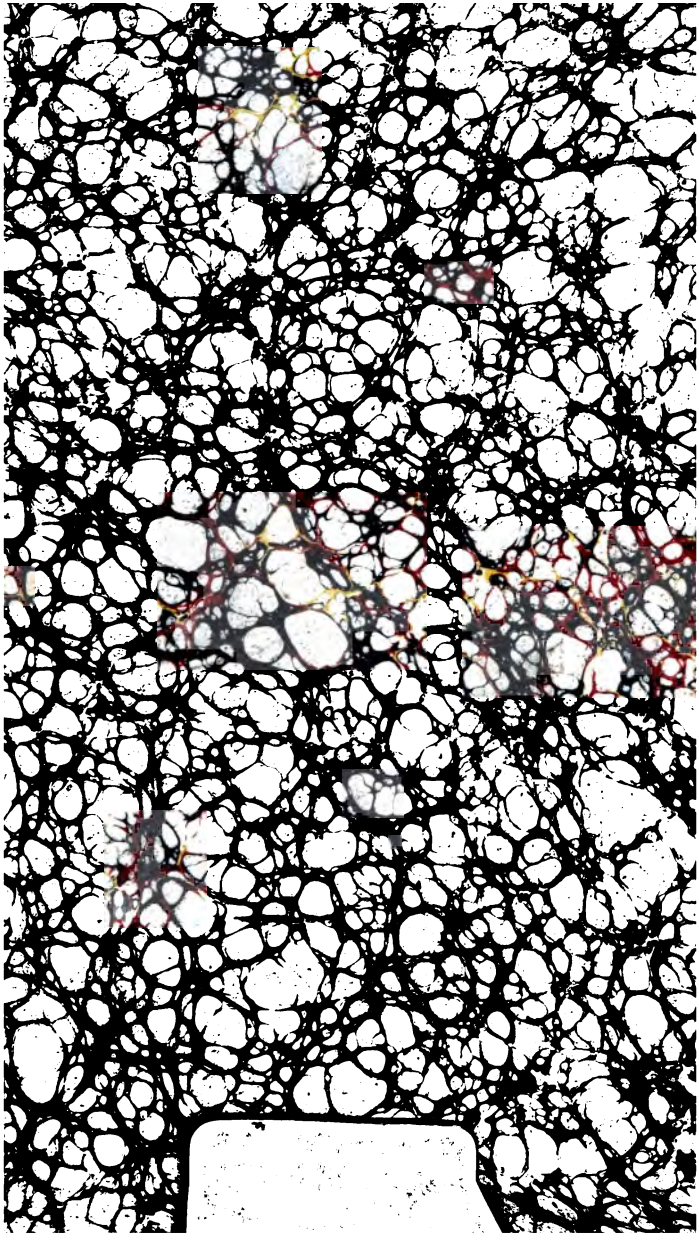
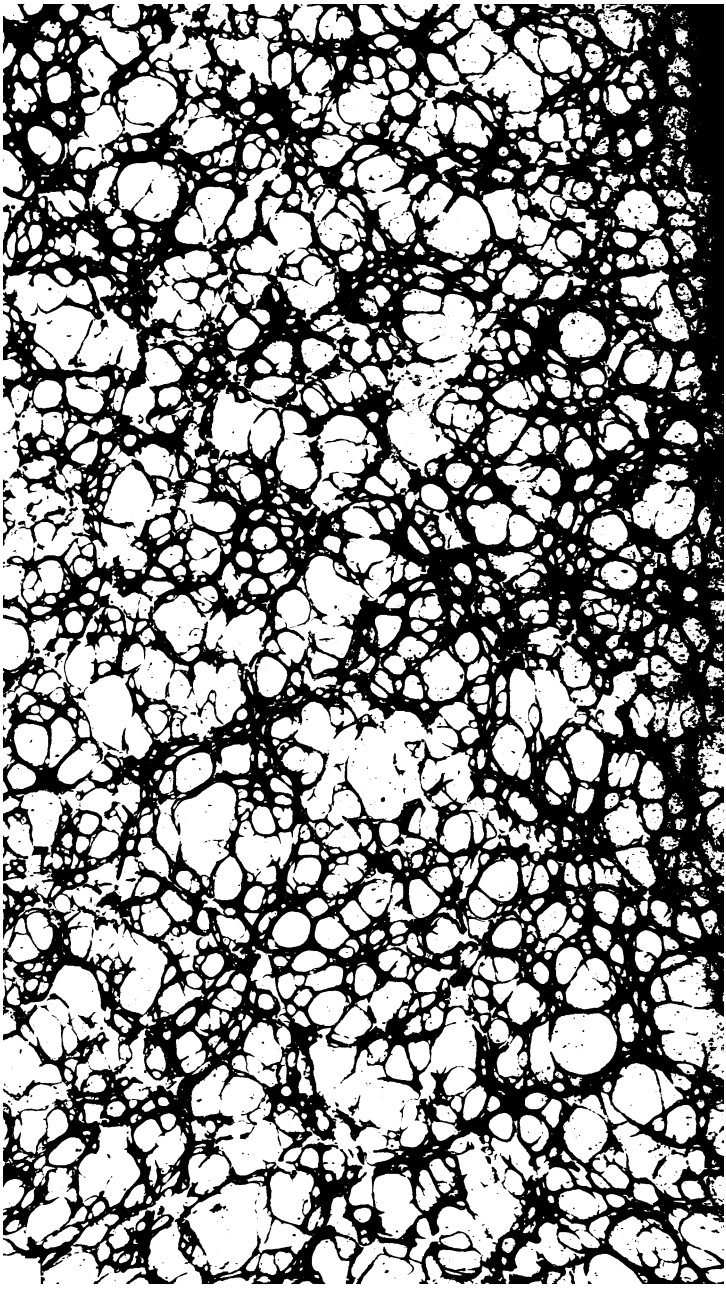
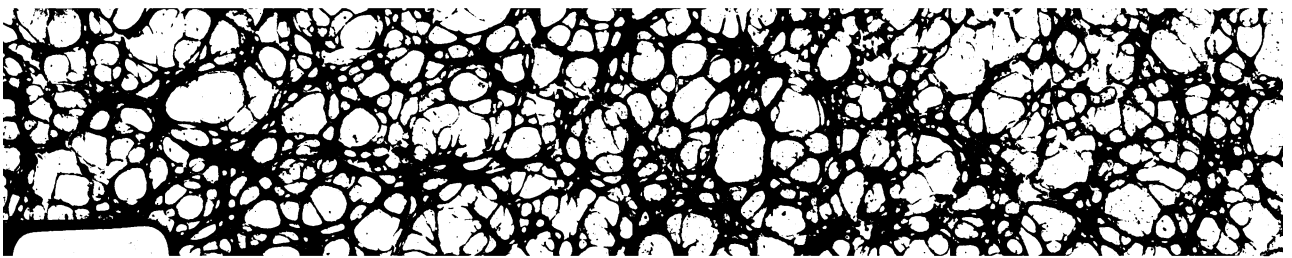
INDICE

Advertencia VII
Advertencia da segunda edição. XV
Egas Moniz.
Romance primeiro. Affonso de Castella 22
Romance segundo. Affonso de Portugal 31
Romance terceiro. Fé portuguesa. 39
Notas 45
O Juizo de Salomão
Romance primeiro. O amor maternal. 55
Romance segundo. A verdadeira mãe. 59
Notas 63
O Propheta de Olinda.
Romance primeiro. O sermão 67
Romance segundo. O sacrilegio 71
Romance terceiro. O Castigo 73
Romance quarto. Domine nobis parce 77
Notas 79
A Batalha dos Guararapes.
Romance primeiro. O Chefe. 83
Romance segundo. Os Agouros 87
Romance terceiro. A Marcha 91
Romance quarto. O Ataque 95
Notas 101

O Ypiranga.
Romance primeiro. O Pedestre 107
Romance segundo. O Rancho 115
Romance terceiro. O Principe 123
Notas 129
O Patriarcha da Independencia.
Romance primeiro. Sic vos non vobis 137
Romance segundo. O Album 143
Romance terceiro. O Funeral 147
Romance quarto. Tributo filial 151
Notas 153
Poesias Soltas.
Saudades da Patria, Lyra 159
A origem do Amor, traducção de Byron. 164
Recordação, improvisada para um Album. 165
Soneto a Nero 166
Cantata a Marilia 167
O viajante do Rio Rôxo, traducção de Whiltier. . . 169
O Conto do Siciliano, traducção de Longfellow. . . 171
Notas 185

ERRATA

Pag.	Lin.	Onde diz	Leia-se
XII	2	a encanto	o encanto
26	6	Castelhano	castelhano
33	16	a parochias;	e parochias;
47	8	arragação	arrogação
56	25	É até	E até
59	14	reclama	reclama.
59	18	stava	stava.
68	1	Justica	Justiça
74	32	medo	medo
88	7	ascento	assento
90	5	morto.	morto
90	7	ganhava	ganhara
90	8	ganhava	ganhara
92	13	dé	de
92	16	sem mão	sem mão,

Pag.	Lin.	Onde diz	Leia-se
95	5	ás falda	ás faldas
96	13	troncas	troncos
96	20	tordillha	tordilha
97	16	expira (11).	expira
99	8	espira.	expira (11).
103	28	Pornambuco.	Pernambuco
113	14	davota	devota
113	23	desaffogada	desafogada
114	18	espirar	espiral
116	6	distancia	distancia,
118	19	vendeiro	vendeiro
120	20	madastra	madrastra
123	9	cascos	cascos,
123	16	força	força,
132	17	Parma	Parima
147	3	coberto	coberto
149	9	lavores	lavores,
155	20	váe	vão
160	7	avistar	avistár.
168	9	procurais	procurais,

E outras que terão escapado á revisão, e o leitor indulgente relevará.